

# RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÊMICA DE ESPINHO

Composto e Impresso na TIP. PROGRESSO - ESPINHO

AVULSO 2500

ANO III N.º 25 (31 DE JULHO DE 1949)

PEÇO A PALAVRA...

## ERROS

Há dois números atrás apontaram-se, na «Editorial», dois erros em que caíram as Direcções dos clubes locais. Porque os tais erros eram apontados em síntese, entendemos necessário fazer-lhe uma crítica mais em pormenor.

O Sporting Club de Espinho vem, de há anos para cá, dedicando todo o seu esforço e entusiasmo ao futebol. Elegem-se Direcções com o objectivo de conseguir boas equipas de futebol; nomeiam-se Comissões organizadoras de fundos para sustento do futebol; futebol, sempre e sempre. No entanto, mais do que no desporto-rei, fez-se nos últimos anos dentro do Sporting uma coisa admirável; a organização da Secção de Voleibol. Desamparada pelos dirigentes, sem a simpatia da massa associativa, o brío dos atletas fê-la progredir, lentamente mas com firmeza, até à obtenção de um valioso título regional. A proesa originou uma mutação de atitudes: a Direcção passou a dedicar aos voleibolistas mais interesse e carinho, a massa associativa começou a acompanhar com curiosidade e atenção o andamento das competições da modalidade.

Não obstante o futebol continua a ser amo e senhor, navegando a secção de volei em dificuldades financeiras. Para justificá-lo basta relatar o que está a suceder: os jogadores de voleibol abriram uma subscrição para a compra de fatos de treino, pelo que abordaram diversas pessoas em boas condições para os auxiliar. Pois houve fulanos que, não tendo hesitado em dar para o futebol uma farta importância, se recusaram obstinadamente a dar-lhes sequer um tostão. Tanta coisa, dadas as condições excepcionais do seu campo de jogos e sede, se poderiam tentar no Sporting, e afinal tão pouco se tem feito.

Se por lá as coisas andam mal, cá pela casa não podemos dizer que vão bem. Não obstante o seu apregoado elitismo, a Académica pratica também o mesmo erro que faz de uns filhos e dos outros enteados. O hoquei

Continua na pág. 3

## EDITORIAL

### Dois anos de Presença e Opinião

O «RUMO» completa com o presente número dois anos de existência. E' uso em tais ocasiões expor ao público leitor os pergaminhos mais ou menos falsos ou brilhantes do jornal, incensando-se quase sempre os dirigentes da publicação. Em minha opinião pessoal—isto porque no «Rumo» todos podemos ter opinião—entendo repugnante o uso de tal processo, evidente lugar comum onde se mistura o trigo com o joio, numa amálgama nauseante de valores e bisbórrias sociais. E como não entendemos preciso, pela índole da nossa mentalidade, expor nos escaparates públicos a nossa verdadeira cu falsa valia, nos quedamos em registar o segundo aniversário de «Rumo» com a simplicidade de sempre. Entenda-se também que não cabem louvores especiais para os dirigentes responsáveis da nossa publicação porque, felizmente, o conjunto de colaboradores é suficiente culto e esclarecido, apresentando, além disso, um imperativo de consciência que lhes dá a oportunidade de dispensarem orientação superior. Esta particularidade, é condição suficiente para que arrecadem a sua cota-parte no brilho ou palidez da obra que fizemos. E como o «Rumo» nasceu de uma iniciativa colectiva—em que os precursores só contam como peças integrantes—teve e terá sempre um cunho colectivo. Ficaremos assim mais à vontade, pela solidariedade que nos une, para recebermos com satisfação compreensível os elogios, e para arrostarmos com estoicismo as críticas do público e outras gentes.

E como se dá a feliz circunstância de não mantermos no nosso seio jornalistas nigromantes, nem equilibristas sociais, bem poderemos terminar estas ligeiras considerações, dizendo que nestes dois anos, «Rumo» marcou *Presença* e emitiu *Opinião*, sintetizando que o subjectivo foi sempre ultrapassado, em proveito do objectivo.

Higino Pires

MARÉS VIVAS

## ESTÍMULOS

Se te sentares no caminho, coloca-te de frente; assim ficarás de costas para o caminho que tenhas andado.

(Provérbio chinês)

Após dois anos de vida, «Rumo» começa a pesar na vida espinhense, e a ser, muitas vezes, o veículo condutor da opinião pública que não seguimos, mas que se identifica afinal com a nossa própria opinião. Se se atentar que o facto apontado se verifica mais por imperativo da nossa posição independente, liberta de feudos ou correntes, podemos, em consciência, dizer, que nos julgamos merecedores não do aplauso maneirinho e cego dos que gostam e gosam com as nossas irreverências, mas sim do apreço estimulante, embora quase sempre íntimo dos nossos conterrâneos. Nunca se pretendeu conquistar o aplauso fácil, bajulando ou submetendo ao sabor da maioria as nossas colunas, visto que, desde o primeiro número, o que sempre importou mais, foi a consciência de formação e de crítica, que sempre transpirou dos nossos artigos. Assim, através dos dois anos de vida, «Rumo» foi solidificando a sua posição, que não reputamos, ainda assim, verdadeiramente sólida.

Neste trilho continuaremos a trabalhar cientes de que o estímulo dos nossos conterrâneos existe, mau grado o silêncio tecido à sua volta. E embora sentíssemos que é assim, sempre tivemos a persistência necessária para prosseguirmos sem peias e, finalmente, saber que criamos nos homens novos o hábito de pensar e pugnar pelos interesses gerais da terra que os viu nascer.

Atingido este marco, afinal um dos mais significativos objectivos a que se propôs a nossa publicação, estaremos mais libertos para novas iniciativas de carácter local e clubista, quer essas determinantes pesem ou não nos interesses mesquinhos de alguns maus espinhenses.

Gino Sérpi

## Sumário

EDITORIAL — *Presença e Opinião*, por Higino Pires

REGIONALISMO

*Erros*, por Pinheiro de Morais  
*Estímulos*, por Gino Sérpi  
*Cartas de Espinho à Nova Geração*, por Dr. Amadeu Morais

DEPOIMENTOS

*Confissão*, por Alvaro Redondo  
*Sem título e sem ofensa*, por Chibas  
*Campanha Alegre*, por Eça de Queirós  
*Esclarecendo*, por Arq.º Eduardo Lacerda  
*Meditando*, por Hernâni Faria

PERFIS — *Figuras da Académica* — Mário Ramos, por «Um dos Muitos»

TOIROS e TOIRADAS — *Corrida de Espinho*, por Paquito

DESPORTO — *Ping-Pong, Educação Física, Hoquei em patins*, etc.

CINEMA — *Que tal a Fita?*, por Carvalho Vaz

HOMENAGEANDO — Lino Luz

IRREVERÊNCIAS-CRÍTICAS

*Em Defesa de «Il» Jornalista*

*Talvez seja verdade que!!!*

HISTÓRIA — *Issac Ben-Judah Abrabanel será o autor da Menina e Moça?*, por Amílcar Paulo

FILOSOFIA — *Meditações de Frederico Vencido*, por Goulart Nogueira

NOTAS CRÍTICAS — *O Mundo que Vivi*, por Egito Gonçalves

CRÍTICA LITERÁRIA — *O pretensso escândalo do «Non Sum Dignus»*, por Almada e Meneses

POESIA — *Evolução e crise da Poesia*, por Taborada de Vasconcelos

*Poema*, por José Filinto

ARTES PLÁSTICAS — *Nadir corifeu do imprevisível*, por Artur da Fonseca

NÚMERO ESPECIAL \* II ANIVERSÁRIO

## Uma campanha alegre DE EÇA DE QUEIROZ

Janeiro, 1872

Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Fontes  
Pereira de Melo.

Vimos agradecer-lhe, sr. ministro, a proposta pela qual é extinto o imposto de pescado. AS FARPAS tinham apresentado, com um relêvo doloroso, toda a cruel indignidade d'esse imposto. Não sabemos se V. Ex.<sup>a</sup> já viveu algum tempo nas costas de Portugal. Devia-o ter feito. Nada mais duramente instructivo. Um interior de cabana ensina mais que um livro de Maurício Block. (Mesmo os livros do dicto Maurício não ensinam nada. A pesca não constitue uma industria regular, mas um ganho de surpresa. O mar, sr. ministro, não tem a calma tranquillidade da terra. Essa estende-se ao sol, como a nympa antiga, e deixa serenamente na sua impassibilidade santa que a violem, a dilacerem, lhe tirem o vinho, o pão, as fructas, até o carvão, e aos que a rasgam e roubam dá tudo o que é necessário para que o corpo viva, e ainda a mais as verduras e as flores para que a alma se alegre. O mar, sr. ministro, esse, defende-se. Olha o homem como um inimigo; cerca-se de rochas, embuçá-se traidoramente na névoa, apavora com o seu ladrar monotonico. E' necessário espreital-o, ver quando dorme; então o pescador, rema em silencio, deita as redes, e rouba-o. Já vê, sr. ministro, que não temos aqui uma industria disciplinada—mas a pirataria da fome.

Anda às vezes uma lancha quarenta e oito horas sob a chuva, o vendaval e a neblina, na inclemencia da água. Os homens estão PERDIDOS E TRABALHADOS, como dizia Camões. E' necessário passar a noite no mar. Deitam a ancora e as redes, acendem uma lanterna, persigam-se, e, sob a escuridão e a tormenta, embuçados nos gabões, encharcados, ali ficam no vasto mar escuro. Tudo isto para erguer as redes vasias, quantas vezes rôtas! Vão homens e vão creanças. Um homem de companhia ganha 80 réis por cada pesca, dois dias de trabalho aspero. Uma creança ganha um vintem. E' necessário ver como habitam. Em Espinho—e é uma das costas mais populosas e mais ricas—vivem em casebres de pau onde a chuva, o vento, a névoa, entram livremente; dormem sobre farrapos de velhas jaquetas e de antigas vélas inúteis; comem n'uma grande tigela, promiscuamente a caldeirada escassa de sardinha e codeas de brôa. Isto no tempo feliz e abundante. No inverno internam-se e pedem esmola. Tal é aquella vida a traços largos. Escusamos falar-lhe, sr. ministro; dos temporaes, dos naufrágios, de barcos partidos, de redes inutilizadas, no fim d'elles sobre a terra, que é o hospital, do seu fim debaixo da terra, que é a vala.

Vir sobre estes homens o fisco, e tirar-lhes, por meio de uma conta de dividir, parte d'aquilo

# SEM TÍTULO e sem ofensa...

A Volta foi continua a ser o assunto do momento entre alguns ferrenhos teóricos locais. Por esse facto, achamos extremamente curioso ouvir as opiniões correntes na esplanada do «Café Avenida»...

Para começo, decidimos ouvir o distinto director do nosso jornal, **Higino Pires** que nos disse: (mas disse mesmo!)

A «Volta», essa arqui-trapalhada desportiva foi um perfeito «Gato Preto em Campo de Neve», neve esta bem escorregadia e mais preta que o gato... O Benfica em representação 100% nacional—até incluía o Império—devia terminar a volta em Loulé, para que não fosse permitido ao F. C. do Porto vencer e convencer na etapa seguinte. Se a derrota do Benfica—na planície e nas descidas, pois na montanha manda o Rebelo—foi um dos acepipes da «Volta» que apresentou uma ementa tão variada e indigesta de «mayonaise» de cronómetros, que até envenenou os portuenses, em Vila do Conde, também o 5.º lugar do «São Moreira» foi um «balde de água fria» nos adeptos do «Colosso» e «Campeoníssimo»...

Felizmente que o Dias Santos, ao pé da porta, fez o milagre de se indispor com todos mas ganhou a Volta não chegamos a saber se com as pernas dele ou as dos outros...

A Volta, meu amigo, uma arqui-trapalhada, que acabou em envenenamento geral...

**Xico Resende**—Se a organização fosse outra, o Benfica ganhava à certa! Em 1947 foi limpinho! E em 1942...

**Alberto Vita**—Acho que a organização devia enviar o noticiário aos jornais pelos pombos correios... Assim evitavam sarilhos, pois os pombinhos não falham.

Numa mesa próxima estavam os

**Maias & C.**—que em claqué «afinada» (principalmente em Loulé) gritava Porto, Porto, Porto, Porto, Porto (5 vezes Portoll)

**Américo Morais**—A propósito da Volta lembra-me que uma «ocasião» na escola do Faria... (censurado por nós).

**Armando Morais**—Houve muitos protestos e reclamações sem geito nenhum. Deviam vir à esplanada do «Avenida» aprender com os reclamantes das cadeiras, especialmente aos dominhos...

**Anibal Lacerda**—Faltas na organização? Sem dúvida, como a falta de originaes a tempo e ho-

que eles ganham por meio de um risco de morrer, era excessivamente torpe, mesmo para portugueses! Os pescadores teem, sr. ministro, um verdadeiro imposto:—as grandes ondas que viram as lanchas.

Agradecemos, sr. ministro, a sua sympathica iniciativa.

ras na Redacção de «Rumo». Desculpa não dizer mais nada, mas ando preocupado com evitar que o jornal só saia atrasado 15 dias!!!

Ouçamos agora os «barulhentos» da «D. Maria». Começa pelo chefe

**Quim Moreira**—O António Maria arrimou-se demais e acabou por ser colhido. O Rebelo esteve bom nos «ajudados por alto»!! Olé pelo Benfica!

**Alberto Barbosa (filho)**—Se não fosse a «corrente» ter saltado tantas vezes ao Moreira, não haveria tanta «queda de tensão». Vivam os fusíveis! Viva o Porto!

**Manel Zé**—Digo que foi pena na verdade que o «filme» da Volta tivesse tantos cortes!

Além disso devia ter-se distraído os ciclistas com umas boas piadas em caricatura!!!

**Jorge Moreira**—Da organização devo dizer que tinha «elasticidade e colocação».

Aquele «bloco» portista «transportou» o Sporting para 3.º lugar. Mais «dois toques» e o Fazio ganhava. O voleibol é um grande desporto. Viva o sr. Moreira (graxa para o meu pai).

**C. Gaioso**—A organização foi uma grande «bodega». Mas aquele Rebelo bate aos pontos o vouguinha na subida de Albergaria.

Na mesa seguinte moram os **Zarboffs, L.da**:

**Zarboff Sénior**—O Dias dos Santos ganhou bem. E' uma autêntica locomotiva eléctrica Diesel. Com elê a puxar até o «1053» chegava à tabela...

**Zarboff Júnior**—Meu amigo, aquilo do Porto ganhar, foi leite, leite, leite e nada mais!

**Nico Seixas**—O meu forte não é ser «teórico» do ciclismo. Em todo o caso lhe digo que os do Porto, Benfica e Sporting, são uns «amélias».

Viva a Académica!!

**A. Serra e Moura**—Qual ciclismo! Não conheço essa modalidade. Sou pelo basquete (com grande mágoa do Alves Teixeira acrescentamos nós...)

**Paulinha**—Franqueza, franquezinha, francamente eu cá, bem, se me dão licença sou pelas ligações directas e pelo Joaquim Costa.

Viva Argoncilhe!!

Mais adiante novos «teóricos».

**Cassiano Marques**—A abrir, Viva o Benfica! Se não fosse o Rebelo ganhar a «Montanha», deixava de ser Benfiquista 300% para ser só... 299%.—A fechar, Viva o Benfical!

**Mário Gaioso**—Nem me fale, aquela promessa do Manique, deixou-me ficar mal...

**Silvio**—Da organização, digo-lhe que só tratada com umas toneladas de «clorato».

Faltou «chama» aos do Benfica, e finalmente, houve pouco fósforo na etapa de Loulé...

**Caldeira (Xico)**—Faça minhas as palavras do Silvio—acres-

Continua na pág. 7

Esclarecendo...

## A «Voz dos Terríveis» e a Propaganda das Festas

A propósito da local inserta no nosso último número, secção «A Voz dos Terríveis», recebemos do nosso assinante sr. Arquitecto Eduardo Lacerda o seguinte escrito, que gostosamente publicamos.

«Sr. Director...

Li com interesse a «terrível» local inserta no número de Junho do v/ jornal, referente à Propaganda das Festas do Cinquentenário. Porque pertença à Comissão de Propaganda referida, e também porque sou apologista de que o público precisa e deve saber, amigavelmente venho discordar com as afirmações contidas no artigo, sem contudo deixar de atender que a secção que o tratou é uma coluna de «caricatura» condimentada com os exageros que tal «arte» permite...

Posto isto, convém dizer que falo em nome pessoal, nunca tirando desforço pelos restantes colegas da Comissão de Propaganda, suficientemente capazes de dispensarem advogado.

Para que esta carta não seja demasiado longa e abreviando as conclusões a tirar—o que deixo ao critério do público e do articulista de «Rumo»—passo a indicar a composição da Comissão de Propaganda eleita, pelo menos teòricamente, para as Festas do 50.º Aniversário do Concelho:

Presidente: Dr. Pacheco de Miranda—Director do «Jornal de Notícias»; Vogais: António Pinto Machado—da Empresa da Piscina, do S. N. I e do Palácio; Eng.º António Alla—dos Serviços Técnicos da C. M. de Espinho; Benjamim da Costa Dias—da «Defesa de Espinho»; Higino Augusto Pires—director de «Rumo»; Arq.º Jerónimo Reis e este vosso amigo. Como se vê, com a exclusão do meu nome, tudo pessoas competentes e conhecedoras. Mas, na prática, a Comissão ficou desde início reduzida a três elementos, que pertenciam ainda a outras comissões, nas quais operaram dentro de funções bastante mais consentâneas com os seus conhecimentos técnicos. Ressalta pois que não existia, afinal, a decantada Comissão de Propaganda, senão no papel. Apesar de tudo foi traçado um plano de acção que se quedou, enfeudado pela Comissão Central Executiva, a entidades estranhas. De resto, como o programa geral só ficou assente em Julho, pouco havia a fazer, desde que se não pensou em chamar à efectividade da Propaganda, pelo menos jornalística, os correspondentes locais dos diversos jornais diários.

Quanto à publicidade relativa às diversas partes do programa geral não competia à C. de Propaganda fazê-la, visto que lhe não foi dada essa obrigação.

Ciente de que a Propaganda feita através da publicidade de

Continua na pág. 3

PERFIS

Figuras da Académica

## Mário Ramos

Dentro da massa associativa da Associação Académica de Espinho, como em qualquer outra colectividade, aparecem elementos que são tudo para o clube, e que por si só representam a sua existência momentânea e temporária, tal é o interesse e dedicação aliadas à actividade desenvolvida por eles durante anos e anos.

Assim é na Associação Académica como em todos os clubes. E' pois nossa intensão apresentar mensalmente, como se prevê pelo título acima, uma figura da Académica que abrirá, como é hábito dizer-se, com chave de ouro com o nome de Mário Ramos.

Quem há que se tenha interessado pela Académica ou mesmos qualquer espinhense que não saiba quem foi Mário Ramos dentro do nosso clube?

Aqueles que o não conheceram só isto esclarece tudo: onde estava o Mário Ramos estava a Associação Académica (era esta a frase que todos nos habituamos a ouvir repetidas vezes e que era sem favor pura expressão da realidade).

O Mário foi tudo. Foi o sócio fundador número um que havia de dedicar-se de alma e coração à obra que criou; foi chefe de diferentes secções desportivas, incansável no trabalho e carinho; foi um director que durante muitos anos consecutivos ocupou diferentes cargos directivos chegando quase a ficar sôzinho a tratar todos os assuntos da Académica. A secretaria do club bem como a sede foi durante muito tempo a sua casa onde estiveram guardados os bens da colectividade, incluindo as taças conquistadas, por vezes com tantas dificuldades e que são presentemente o nosso maior orgulho; onde se efectuava a troca de correspondência que para lá era dirigida e a escrita do club não conhecia nesse tempo outra sala que não fosse em sua casa, e era ainda lá que se lavavam e tratavam os equipamentos negros que tanto orgulho nos dão ao cobrirem os nossos peitos onde palpita uma forte paixão clubista.

Todos nesse tempo estávamos habituados a que o Mário fizesse tudo, e por isso mesmo, ele aparecia em tudo, tudo fazia e muitos de nós quase nos limitávamos a criticar o seu trabalho extenuante mas que bem ou mal ele e só ele fazia.

Tinha sempre uma boa disposição invejável a par de certas infantilidades muito pessoais e curiosas. Ainda recordo perfeitamente quando ele chegou junto de mim para me informar que tinha resolvido o problema da Sede, e com que entusiasmo me disse que se alugaria o Palacete da Pena ao cimo da rua 19 e pronto teríamos ali a pretendida Sede. De outra vez vem nova-



## A CORRIDA DE ESPINHO

Ainda que o cartaz não fosse de todo de desprezar, o público não acorreu à praça em quantidade apreciável, possivelmente devido não só ao calor que nesse dia se fez sentir como também pela desconfiança que originam já as organizações tauromáquicas em Espinho.

Na realidade, são já tantos os dissabores e tantos também os fracassos aqui sucedidos, que não é para admirar que o público procure outros lugares—ou terras onde tenha maiores probabilidades de dar por bem empregue o dinheiro gasto...

A grande maioria dos espectadores foi nesse dia aos touros, levada pelo encontro dos dois grandes cavaleiros: Simão da Veiga e João Núncio.

Contudo, o resultado da competição não foi certamente o que todos esperavam, uma vez que Simão da Veiga se encontra este ano em manifesta baixa de forma e mal montado, não tendo desta vez a sua actuação o valor e a alegria das outras com que nos tem brindado. E' de notar todavia a sua pouca sorte no lote o que lhe tocou.

João Núncio teve uma grandiosa tarde: feliz nos animais que lhe saíram e maravilhoso na forma de tourear.

Desde as estupendas preparações até à consumação final das mesmas, Núncio mostrou bem o que é, o que vale e que é na realidade o nosso primeiro cavaleiro tauromáquico.

Para a lide a pé estavam anunciados, Pedro Barrera e Jesus Gracia.

O baturro Gracia que vinha aureolado com algumas actuações brilhantes em praças espanholas de categoria, se não satisfizes plenamente demonstrou entretanto possuir qualidades e muita valentia.

Lanceou de capote com suavidade e carregando a sorte, executando no seu primeiro um quite por chicuelinas primoroso. Com a flanela mostrou-se bastante inteirado e que era neste tercio que residia o seu «forte» como tou-

mente ter comigo todo satisfeito porque tinha conseguido uma derrota ao adversário num jogo de andebol, por falta de comparação, sem ter o número suficiente de jogadores para sequer iniciar o encontro.

Era um bom rapaz este Mário Ramos que poderá ter a certeza de nunca ser esquecido pela Académica que sabe muito bem o que lhe deve e que deseja ansiosamente tê-lo de novo no seu meio.

Abraça-te, Mário, em nome de todos os amigos da Académica o teu antigo «colega» e

«Um dos muitos»

reiro. No seu último inimigo, teve uns naturais com a direita templados, levando a rez toureada desde largo e sem lhe perder a cara.

Enfim, se não satisfizes totalmente também não defraudou nem desiludiu.

Pedro Barrera esteve uns anos afastado dos redondeis e quando resolveu reaparecer, possivelmente já contava com um contrato para Espinho.

Enfim quem tem amigos não morre na miséria...

A sua actuação, foi simplesmente indecorosa; lamentável a todos os títulos. Andou completamente perdido na arena, sem saber o que fazer e para cúmulo da pouca sorte teve para si o melhor animal da tarde: que não soube aproveitar e ao qual ainda por cima colheu por duas vezes...

Com profissionais deste quilate compreende-se perfeitamente que seja preferível organizar garraíadas durante toda a época.

José Infante da Câmara enviou uma corrida que merece nota favorável.

Manso, verdadeiramente houve só um (o quinto); os outros, foram crescendo com o castigo e deixaram-se tourear sem dificuldades de maior.

Novamente merece referência o novillo lidado (?) em sexto lugar, exuberante de bravura, nobreza e suavidade e que só por si enobreceu e classificou uma divisa.

A Direcção decorreu mais ou menos de maneira satisfatória!

Paquito

## Esclarecendo...

Continuado da pág. 2

festividades de realização incerta entendeu-se que seria descrédito para Espinho fazer afirmações sem o seu cumprimento, o que prejudicava organizações futuras.

O pouco que aqui se diz, será talvez motivo para se evitar a «rifa», se atendermos que, pelo menos, deixámos à C. Turismo dos próximos anos um cartaz que poderá ser lançado, com a devida antecedência, por todas as terras de Portugal, Brasil, Espanha e outras nações estranhas.

Desculpe o espaço que lhe roubei, etc. Eduardo Lacerda».

## Comemorações Cincoentenárias do Concelho de Espinho

Programa para o mês de SETEMBRO

2, 4—Grande Torneio da Costa Verde em hoquei em patins.

3, 4—Torneio de Golf, para senhoras e cavalheiros.

Torneio de Luta Livre para o «Cinturão de Espinho».

Baile de Gala, no Grande Casino de Espinho, organizado pela Comissão Central das Festas das Bodas de Ouro.

17, 18, 19—Festas d'Ajuda com arraial no Parque.

19—Garraíada.



## ERROS

Continuado da pág. 1

em patins absorveu quase tudo e, pelo menos de há três ou quatro anos para cá, a grande preocupação dos corpos gerentes tem sido elevar esta modalidade mesmo que as restantes, em que há também um lugar a defender, sejam prejudicadas. O Voleibol, desporto que a Académica introduziu no Norte além de ser de sua iniciativa a criação da Associação Regional, foi esquecido e, se não fôra o esforço e dedicação de António Gaio e dos jogadores, por certo que não teríamos obtido o retorno à I Divisão depois da conquista brilhante e justa do título de Campeões da Divisão secundária. O Ping-Pong e o hoquei em campo vivem do prazer que na sua prática encontram os nossos representantes, enquanto que o basquetebol «caiu de podre» por ter sido totalmente desamparado.

Este estado de coisas necessita ser modificado para bem do desporto e completa satisfação dos fins a que se destinam os nossos clubes, segundo o que está expresso nos seus Estatutos. Os exageros de simpatia por certas modalidades necessitam ser temperados de modo a poder afirmar-se, sem receio de desmentido, que se trabalha em prol do Desporto, tomado no total significado da palavra.

P. M.

Propriedade da:  
A. Académica de Espinho  
(Secção Cultural)

RUMO

BOLETIM DA ASS. ACADÉMICA DE ESPINHO

Editor:  
ARQ. JERÓNIMO REIS  
Administrador:  
F. DE PINA CABRAL

DIRECTOR:  
Higino Augusto Pires

Redactores:  
GOULART NOGUEIRA  
HERNANI BARROSA  
ANIBAL LACERDA

Redacção e  
Administração:  
Rua 11.104-ESPINHO

## Educação Física

### ONTEM E HOJE...

Pede-nos pessoa amiga para dizermos alguma coisa, sobre «Educação Física», neste número especial. Sem modéstias simuladas, mas agradecendo a atenção, entendemos que este assunto deveria ser tratado por um especializado, ou, se me é permitido alvitrar, por um médico especializado. Mas, acreditando que não queiram roubar tempo precioso ao médico e acreditando que o especializado não está presente (?) atrevemo-nos a dizer alguma coisa sobre tão momentoso assunto, pedindo a devida vénia áqueles que o deveriam fazer.

Quem tenha acompanhado, pelo estudo ou pela prática, a evolução da «educação física» de algumas dezenas de anos para cá, verifica que tudo é feito duma maneira racional, ao alcance da mais mediana cultura, ou inteligência, e que tudo se faz para que se colha o melhor benefício, sem cansaço, e, verificando a imediata certeza do resultado colhido. Assim é.

Noutras palavras e remontando a lição para as tais dezenas de anos atrás: nestas lições o cansaço era evidente, e, naturalmente provocado. Quanto maior era o esforço, maior era a lição. E quanta alegria por assim, ser! As lições assim, eram as melhores lições! Passados tempos, apareciam as primeiras «bolinhas» nos braços; e aqui, meus amigos, ter «bolinhas» à vista era indício seguro de robustez física... Chegava-se a qualquer parte e, dobrando um braço, aparecia sempre um entendiado (?), numa simples apalpadela, a verificar a robustez do suposto atleta pelas excrescências musculares do tal braço! E, se flexiona os dois, ao mesmo tempo, então sim!, então era julgado como uma verdadeira fortaleza!...

Ontem... Olhando para trás, para os anos que passaram, quantos desenganos, quantas e quantas mortes prematuras pela insuficiência dos processos usados! Quantos sacrificados à ciência do tempo! Quantas preciosas vidas se teriam salvo se os métodos fossem outros, fossem os de hoje!

Hoje... Hoje os processos são racionais e devidamente acompanhados pelo estudo e observação médica. Há anos, raríssimos eram os médicos que se dedicavam a tal estudo. Ling, o benemérito creador do método sueco ainda hoje base essencial da cultura física, era poeta; outros, em outros países, também contribuíram para o movimento e desenvolvimento da causa. Mas, como o médico ainda se não tinha, verdadeiramente, interessado pelo problema, o desgaste era evidente, pois os métodos fugiam a todas — ou quase todas — as regras da fisiologia, sobretudo a respiratória, e daí as mortes prematuras incompreensivas na época — e ainda hoje para alguns.

Hoje, uma lição bem dada acumula energias e não as desperdiça; faz sentir o desejo de continuar, de movimento, que é, afinal, o desejo e alegria de viver, pois é vida, é movimento. Recebe-se a lição de dentro para fora; coração forte, pulmões bons, enfim!, um somatório exacto da robustez, pondo inteiramente de parte aquele absurdo das massas musculares exteriores, inúteis para quem não levanta pesos e que nunca indicaram perfeita saúde. E até, — também cabe aqui dizer-lo, — o ritmo respiratório, que a mais pequena inteligência compreende como base essencial da nossa saúde, foi modificado, depois de devidamente estudado por médicos especialistas e, hoje, é totalmente diferente do que era então. Calculem os estragos feitos nessa época...

Por estas razões, que são breves, (também a nossa sabedoria não vai mais longe), poderíamos aconselhar os rapazes desta boa terra, aqueles que ao Desporto se dedicam, e que, sem favor o digo, tem todas as qualidades de vencer em qualquer modalidade, a estudarem bem aquilo a que se devem sujeitar — em seu benefício, claro, em Educação Física, guiados por profissionais, que os Clubs tem de contratar, criando receita para isso, acompanhados da indispensável observação médica periódica, que sei já existir e eficaz, mas cortando aos seus hábitos — se me é dado aconselhar — aqueles erros que bem os notam e alguns costumes tornados vícios que muito os prejudicam, tornando-os incapazes de praticar Desporto, quando, ainda por muitos anos o poderiam praticar em seu total benefício.

Quanto a alimentação, daria um artigo; depois de certa idade, bem sabemos o que nos faz mal. Daí, seguir aquele velho conselho, visto que hoje o «caso» é difícil, segundo as boas donas de casa: «de tudo um pouco, e muito de nada». Isto, evidentemente, em benefício dos que praticam desporto (e até dos que não praticam), dando-lhes a melhor saúde o melhor equilíbrio na soma das suas quali-



## ENTRADA EM CAMPO

### MAIS UM ANO

*Aniversário é uma palavra que só por si diz tudo. Diz trabalhos, preocupações, alegrias, desgostos; horas bem passadas a contrastar com horas difíceis, risos com lágrimas, vitórias com derrotas, resumindo, tudo que representa actividade, esforço, cansaço e labor.*

Comemoramos mais um ano.

Entramos no terceiro ano da nossa publicação.

*Trancamos desde o primeiro número do nosso jornal uma directriz: servir Espinho, a Associação Académica e o Desporto. As dificuldades têm sido enormes, todos o sabem, mas sempre as temos encarado e continuaremos a encarar com optimismo e fé inabalável, com os olhos postos em frente e o coração na nossa Associação Académica.*

*Não teremos conquistado louros, mas já marcamos uma posição.*

*Não teremos muitas taças e galardões, mas temos prestígio e simpatia entre os outros clubes.*

*Já temos uma obra embora contemos com uma dezena de anos somente.*

*O espírito de sacrifício e dedicação dos nossos atletas não tem sido inglório porque, hoje, o nosso clube pode orgulhar-se de ter concorrido para o prestígio e propaganda da nossa terra, através do «Rumo» e da prática desportiva.*

*Desportivamente, a Associação Académica de Espinho tem sido um forte alicerce para o desenvolvimento físico e cívico dos seus associados e praticantes, os quais são quase na totalidade espinhenses, alheando-se a todas as convenções sociais porque as suas portas têm estado e estarão abertas a todos sem distinções. E continuaremos sempre em frente porque não somos de quebrar.*

*E continuaremos com a certeza de que amanhã outros nos sucederão; outros continuarão a obra a que voluntária e desinteressadamente nos propusemos; e ainda outros conseguirão levar mais longe o nome da nossa terra, prestigiando, cada vez mais, o Desporto e a Associação Académica de Espinho.*

Aníbal Lacerda

## Hoquei em Patins

Sendo a A. Académica uma agremiação desportiva em que deveria haver por parte de dirigentes e dirigidos uma compreensão perfeita das suas atribuições, pois as características de que são possuídos assim o permitiria, verifica-se, não se sabe porque anomalia, absolutamente o contrário. Aonde deveria haver ordem e disciplina, há desordem e indisciplina, os mentores e técnicos aparecem com uma facilidade espantosa dando-se casos em que exigências se transformam em ordens, pedidos em imposições, e ao fim e ao cabo aqueles que não pretendem senão ajudar com o seu esforço, são colocados em posições desprestigiadas não só como atletas mas também como indivíduos.

No caso da Secção de Hoquei em Patins, como única que auferia receita, tornando-se por isso a Secção número um, deveria o princípio de ordem ser o principal dogma da modalidade.

Sabemos que o mal já vem de longa, tornando-se nota característica da Secção, porém as pessoas que têm tomado conta de tão espinhoso cargo, além de tecnicamente não estarem à altura devida, nunca se souberam impôr no capítulo mais simples, quanto a nós, ou seja o da disciplina. Porque na verdade um técnico capaz faz imensa falta, mas provada como está a impossibilidade de se

apanha e quanto a água, mesmo nada! ou quasi nada.

Para terminar, peço licença para transcrever um pensamento de Muller, um dos Mestres de outras eras, mas sempre humano, sempre justo e sempre moço:

«O nosso corpo, que tanta paciência tem para suportar todos os maus tratos, testemunha-nos reconhecimento imediato quando lhes prestamos alguma atenção».

Silvério Vaz

## RESCALDO DO CAMPEONATO NACIONAL DE PING-PONG

Conversando com Oliveira Ramos...

Quando da realização dos campeonatos Nacionais de Ténis de mesa em Espinho, resolvemos conversar um pouco com Fernando Oliveira Ramos, recolhendo assim as suas impressões sobre a forma como haviam decorrido os referidos campeonatos.

Oliveira Ramos conquistou nesse dia o título de campeão Nacional individual e ajudou — de maneira brilhante aliás — o seu clube a inscrever mais um título no seu já longo e brilhante historial. Por isso mesmo começamos por perguntar-lhe:

— Diga-nos, Oliveira Ramos, como sentiu e apreciou você o título hoje por si alcançado?

— Em virtude de ter sido o primeiro campeão Nacional que disputava, tinha na verdade bastante empenho em inscrever o meu nome como vencedor desta prova. Com a realização do meu desejo fiquei como é natural, radiante e satisfeitiíssimo, pois que ao mesmo tempo pude corresponder à confiança dos meus camaradas e amigos e manter ao mesmo tempo as tradições do meu clube na modalidade.

— Qual a sua opinião sobre a forma como decorreram os recentes campeonatos?

— Decorreram da melhor maneira possível e registaram uma inscrição record, que serviu para ligar pelos laços da amizade os ping-pongistas das várias regiões. Aproveitamos ainda registar o alto sentido de lealdade de todos os jogadores, que actuaram com uma correcção e espírito desportivo, dignos de toda a consideração e encómio.

— Em sua opinião quais os adversários mais difíceis?

— Como sempre para mim Carlos Feio é um adversário de temer; aos outros coloco-os sensivelmente no mesmo plano de igualdade.

— Entende você Oliveira Ramos, que o ténis de mesa tem já o seu lugar assegurado no ânimo e no entusiasmo do público?

— E' na verdade de lamentar que, este não tenha correspondido ao verdadeiro interesse da organização da prova. Com propaganda intensa e sempre cada vez com mais provas o público aparecerá, pois a modalidade possui espectáculo em si, tem movimento e acção proporcionando boas fases de agrado visual. Estou certo por isso mesmo, que amparado a boas organizações o ténis de mesa acabará por cair no agrado do público.

— Como apreciou você a organização?

— Foi esplêndida sob todos os aspectos. Incansável foi o Sr. Moreira da Costa sempre pronto a atender todos os jogadores nos pedidos que lhe faziam. Para ele e para os seus colaboradores — Silvío Silva, Francisco Caldeira e António Gaio — um abraço de agradecimento e as nossas desculpas pelas exigências que fizemos, a todos enfim, muito e muito obrigado.

— E por último, Oliveira Ramos, gostaríamos que nos dissesse qual a impressão que leva de Espinho?

— De Espinho levo as melhores recordações. Dois campeonatos nacionais são mais que suficientes para não mais esquecer tão encantadora vila. A sua piscina então é simplesmente maravilhosa e a praia de agradável sedução. O público foi pouco numeroso mas bastante entusiasmado. Levo pois desta terra as melhores impressões, fazendo votos pela

Continua na pag. 6

dantes; quanto à disciplinar ficamos ainda pior, pois não convence ninguém que dirigentes-praticantes possam ter qualquer ascendente de disciplina sobre colegas da mesma equipe. E temos provas palpáveis de que assim é: as discussões e desavenças continuam, agora agravadas, porque são travadas entre praticantes e praticantes-dirigentes: na parte técnica, deixam-se influenciar por opiniões alheias e, o que é mais grave, accedem a imposições para a organização de linhas que sómente pela maneira como são feitas mereciam a mais séria repreensão da Direcção da A. Académica. E por estas e por outras, quem é prejudicado enormemente e em primeiro lugar é a Associação Académica de Espinho que a exemplo do ano passado se verá afastada da competição máxima, o que além de prejuízos morais trará também avultados prejuízos materiais.

Porque razão não se procura dentro da Académica um indivíduo disciplinado e disciplinador como Higino Pires, para a malandada chefia da Secção de Hoquei em Patins?

# Cartas de Espinho à Nova Geração!

III

Eu prometi-vos que falaria de algumas das minhas necessidades e do modo como devem, a meu ver, ser satisfeitas. A missão, é, de certo modo, espinhosa; mas, porque me move apenas o propósito de construir, de traçar uma linha que vos norteie, não me atemorizam os obstáculos e sou impelida a atravessá-los e a encará-los de frente, como único meio de vos dar a conhecer, sem omissões, a paisagem dos problemas mais preocupantes.

O entusiasmo que guarneceu a minha emancipação, esfumou-se cedo de mais.

De início, enlevada pelo calor que precedeu e acompanhou a minha autonomia, cheguei a crer que, do sem número de projectos anunciados, alguns teriam alicerçamento em bases suficientemente sólidas, para resistirem a todos os abalos e ao esfriamento corrosivo do andar dos tempos.

Cêdo me convenci de que era ilusória essa primeira impressão. E o desinteresse e que todos hoje notais à minha volta vem já de longe...

Eu já vos disse que tenho sido administrada, quase sempre, por pessoas que me são estranhas. Este facto não é decisivo, para tirar conclusões, para se lhe imputar a indiferença a que tenho sido votada: estranhos foram os homens a quem fiquei devendo a criação da minha freguesia e do meu concelho e estranhos foram e são aqueles a quem fiquei a dever e estou devendo muito do que hoje possuo; e a todos presto a homenagem da minha gratidão, porque me dedicaram o melhor do seu esforço e do seu saber. Mas não pode negar-se a esse facto certa influência nos resultados que se verificam.

Desde muito cedo, os que nasceram dentro das minhas portas se foram habituando á ideia de que o seu concelho, a sua ajuda, o seu esforço, eram coisas desnecessárias, porque a orientação superior respeitava unicamente aos tais estranhos categorizados, a quem a minha administração estava confiada. Raros foram os que dominaram esta ideia e se aproximaram da minha governação. A maioria, a quase totalidade, foi-se afastando dela, ou porque se convenceu de que era impotente para conduzir os negócios municipais, ou porque entendeu não ser necessária a sua intervenção nêles. Isto foi criando nessa quase totalidade um complexo de inferioridade tão grande, que muitos dela abriam a bôca de pasmo, se lhes falassem hoje em assumir a chefia do meu concelho. Alguns, há, sem dúvida, que se não acham possuídos de qualquer convicção de inferioridade, mas que vão navegando na cegueira quase absoluta em que têm vivido, perante os problemas de interesse local.

Tal estado de espírito, determinante do alheamento cada vez mais acentuado, que se vem notando, tem-me causado prejuízos, por vezes irreparáveis.

Se vos aproximardes das minhas instituições chamadas de utilidade pública, verificais que todas elas tem vivido sobre meia dúzia de homens, que se eternizam e multiplicam no desempre-

nho dos seus cargos e que mais não são do que vítimas sobre cujos ombros repousa, mais ou menos comodamente, a massa esmagadora dos que aproveitam dos benefícios meus e dessas instituições.

E se analizardes o que tem sido a administração do meu concelho, verificais que só muito excepcionalmente tem sido possível conjugar esforços e realizar obra que mereça ser qualificada de verdadeiramente eficaz.

Sabeis quais os resultados a que conduz o alheamento?

Os administradores de tendência mais ou menos ditatorial, encontram campo aberto para actuarem como melhor entenderem e quizerem. A sua volta apenas tem o cumprimento rasteiro do louvaminho, e a indiferença geral dos municipais. São os que mais podem fazer e os que mais fazem, precisamente porque contam apenas consigo próprios, não obstante sua obra ser eivada de êrros, tanto mais graves quanto menor fôr a sua envergadura.

Os que esperam e desejam uma colaboração que permita uma obra duradoura, cedo começam de lamentar-se, pela falta dela, e acabam por desesperar, sem nada terem feito, por a consciência lhes impôr que as suas realizações dependem da decisão ponderada e séria de todos os outros homens interessados nelas.

Os restantes, em maior número, mais frequentes, portanto, não administram nem se preocupam mesmo com administrar: colhem as receitas e aplicam o seu montante ao pagamento de despesas, para satisfazerem as regras orçamentais. E administrar não é nada disto; torna-se necessário aplicar todas as verbas pelo modo mais económico, isto é, mais útil e menos dispendioso, que possível for; torna-se indispensável rodear a administração do máximo carinho, como se o administrador estivesse a tratar de coisa sua, a que votasse verdadeiro amor; torna-se ainda indispensável aprender com visão superior todas as conveniências e necessidades futuras e dar-lhes realização capaz, ou preparar-lhes essa realização, interessando na administração quem possa depois, assegurar a obra realizada ou em projecto, continuidade.

Eu tenho suportado tudo isto.

E se me orgulho de não ter ficado a meio do caminho percorrido e me sinto agradecida aos que me dirigiram, também sinto que ao alheamento se deve imputar muita falta verificada em realizações feitas e muita coisa que até hoje se não fez absolutamente necessária.

Tendes ouvido falar de mim como praia de turismo e sabeis haver até quem me chame pomposamente Rainha da Costa Verde.

Sou forçada a rir quando ouço estes ditos.

Eu podia ser a verdadeira Rainha da Costa Verde, mas não o sou e não sei mesmo se o virei a ser, pelo desinteresse que me tem sido votado.

Uma praia, mesmo sem ser de turismo, carece essencialmente de praia. Eu tive-a e bem esforçada; mas o problema das investidas do mar, veio-se arrastando desde a Monarquia, com soluções de remendos, que ao mar proporcionavam momentos de grande risco e de divisão (ele brincava com as palissadas de madeira e com os blocos de areia e cimento, mas de areia, principalmente, que atiravam contra a sua fúria) e que a mim causavam profunda desilusão e tristeza.

Hoje creio poder julgar garantida a segurança do meu território. Mas não tenho praia. E só com muito esforço dos meus administradores e da minha população e com a boa vontade do grande homem a quem a obra se deve, posso vir a tê-la, com prolongamento dos esporões.

Outra coisa de que uma Praia de Turismo carece, evidente, é de uma Comissão de Turismo, dotada de verba própria, capaz de fazer a propaganda necessária, de velar pela limpeza do areal, de atrair, de esclarecer e de acarinhar os venereantes, e de fazer, condignamente, as honras da casa.

Eu tenho a consciência de estar muito longe de possuir, neste aspecto, qualquer entidade que possa considerar-se *sofrível*.

A minha propaganda tem sido completamente despresada. Todos os jornais diários têm correspondentes junto de mim. Pois eu não conheço a maior parte deles e dúvido, até, de que, em relação a essa maior parte, se trate de pessoas que queiram ou saibam ser correspondentes de um jornal. Raras, raríssimas vezes, os vejo fazerem-me referências. E creio que nada disto sucederia se houvesse uma propaganda controlada, impulsionada por uma entidade competente.

Tive há anos, uma espécie de guardas de Turismo, cuja missão consistia em proteger as zonas mais centrais, quanto a higiene, à repressão da vadiagem e ao esclarecimento dos visitantes. Hoje e desde há anos, nem sequer existem, segundo creio, as fardas desses polícias.

Há muitos anos que não há a preocupação de organizar um programa de Festas, que proporcione ao veraneante um mínimo de distrações, que lhe agradeça a sua simpatia por mim e o prenda à minha praia. O veraneante merece ser acarinhado; e tanto a mim como ao comércio e à indústria locais interessa que ele, em cada ano, leve de mim gratas recordações.

Nada se lhe tem proporcionado. Nem sequer festas para as quais se lhe exija pagamento antecipado.

Qualquer alta individualidade que me visite, de passagem ou com permanência, na época balnear, há-de, forçosamente, notar o desinteresse que me rodeia. Não há quem se abeire dela, a

Continua na pág. 7

## CONFISSÃO

A minha ironia é a arma do meu desprezo; o meu humorismo a confissão da minha fraqueza; a minha amargura o travo da minha derrota. O meu sorriso é a máscara da minha dôr; a minha alma é o vulcão dos meus instintos e paixões, desejos e anseios, dôres e alegrias.

Infelizmente não sou muito diferente dos outros Homens — e é isso que me faz sofrer e desprezar-me tanto como vos desprezo a vós.

Quando um homem é capaz de examinar-se a si próprio, de mergulhar na sua própria alma, nunca mais é feliz, porque tem a visão, em vida, das profundezas do Inferno.

E após essa visão ou se arrepende e trilha outro caminho ou continua a descer as escadas que o conduzem à Eterna Perdição. E são essas escadas que eu desço — embora me revolte a cada degrau descido! — sem forças para resistir à atracção invencível do Abismo.

E desço cada vez mais fundo, cada vez mais fundo! E desço

senhor dos crimes que cometo! E' este o meu drama: saber que mergulho no Pântano e que me estou perdendo — que ninguém me salvará, muito menos eu próprio.

Muitas vezes julgo enlouquecer. E, de certo modo, tenho pena de não ter enlouquecido. Era um modo de libertar-me da vergonha de viver. Era um modo de morrer ainda vivo ou de viver depois de morto!

Pois isto de viver ou de morrer, é de certo modo relativo. Viver com o desespero no coração, com a alma pútrida e gangrenosa, é um modo bem difícil de viver. E' pedir, hora a hora, minuto a minuto, a alegria de morrer... E' sentir-se na agonia do viver...

Por isso entendo que chegou a Hora da minha Confissão, porque não sei, ao certo, se serei capaz de resistir ao desejo de me matar e quero evitar que o Mundo diga, quando eu morrer, que eu tinha a Alma da pureza de cristal.

Alvaro Redondo



## Que tal a Fita?

por Carvalho Vaz

Esta pergunta formula-se a cada passo, e tem tanto de vulgar como de natural. A resposta envolve quase sempre certas responsabilidades que nem todos terão tido ocasião de observar, como vamos ver.

Partindo da hipótese de que a pessoa que fez a pergunta é um verdadeiro amigo de ver cinema, a resposta passa a ser bastante importante porque poderá ter como consequências que o cinéfilo perca a oportunidade de saciar a sua incomensurável sede de ver um bom espectáculo cinematográfico. E como estes andam, infelizmente, um pouco arredios no que diz respeito a certas produções seriadas, perder-se-á o ensejo avidamente procurado por todo o verdadeiro amigo do cinema.

Quando se fez tal pergunta a pessoa não se apercebeu, dum modo geral, dos males e defeitos inerentes à resposta que se podem obter. Se é certo que, quase sempre, se procura a opinião da pessoa em que se tenha maior confiança, quer seja porque se reconhece nela uma certa competência numa apreciação mais completa e séria, ou porque tenha gostos semelhantes, a verdade é que se consegue quase sempre, reunir as opiniões mais díspares sobre uma mesma obra.

«Gostos não se discutem...» dirá o leitor. Por isso mesmo se levantam vivas discussões as quais dão a impressão que não têm razão de existir visto parecer ser tudo questão de gosto, e nada mais.

Se nos permitem devemos dizer que tal não é verdade: essas opiniões são quase sempre discutíveis. A chamada questão de gosto não representa mais do que 20% de base na discussão. O resto, é pouca formação, defeitos sistematicamente adquiridos de visão, menor ou inferior sensibilidade.

Se a isto somarmos aquilo a que poderíamos chamar «causas fortuitas» — que são poderosíssimas também — como a momentânea má disposição, que pode ser física ou mesmo devida à pouca comodidade que o lugar nos pode oferecer, vemos que muitíssimos factores nos podem impedir de apreciarmos devidamente o espectáculo.

Quantas vezes não conseguimos apreciar devidamente uma sessão só porque o cavalheiro do lado lê alto as legendas à alfabetizada companhia, ou a menina da frente faz muito barulho a comer os amendoins, ou o espectador da esquerda, que já viu a fita, conta todo ufano a cena que se vai seguir, fazendo desaparecer todo o imprevisto que a sequência da película nos podia oferecer?...

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



...a Comissão Central das Festas Comemorativas do Cinco-centenário de Espinho, foi pessimamente elaborada pois inclui muitos «verbos de encher», bastantes «penachos» e pouco quem saiba e queira trabalhar...

...a inspiração «camoneana» do pífio sr. H. V. nos deixou irónicamente esmagados com o seu potente estro poético...

...o monstro quadrado que representa (!!) o soldado no monumento em Espinho, aos Mortos da 1.ª Grande Guerra, vai servir para experiências da bomba atómica...

...por «fás e por nefas», certa cabine de «alta tensão» pôs em «perigo de morte» a vida de Espinho... Meia...

...o sr. Haja Vaga, chama pomposamente «Varanda» ao que não passa de uma reles água furtada, com roupa suja na corda...

...vai haver remodelação profunda no corpo redactorial de «Rumo»... e na Direcção da Ass. Académica...

...numa reunião de confraternização, houve rumor, peixe frito, voz clara e bom som, tudo cozinhado na «panela» da vida de Espinho sem «defesa» e afinal bem ávida de novo «rumo»...

...o senhor «Hora Volas», não gosta de crianças, nem de azes... preferindo homúnculos e biscas...

...por ocasião da restauração da «Fonte do Mocho», reuniu em sessão plenária a «Tertúlia da Recta Pronúncia», para resolver se mocho se deveria escrever com x ou com ch...

...se vai pôr anúncio para encontrar a Comissão das Festas Populares... e que se darão alvíssaras a quem tiver encontrado o arco triunfal da Rua 19 no dia 17 de Agosto...

...o nosso redactor literário, Florentino, vai em breve à Cidade-Luz, excelente perspectiva de uma ementa de iguarias parisienses, regadas com «môlho» de português valente...

...a introdução do voleibol no Norte de Portugal, pertence a um grupo de rapazes, que fundaram depois a Ass. Académica de Espinho...

...portanto houve lapso quando alguém, durante a disputa do Campeonato Nacional de Voleibol, atribuiu essa honra a certa pessoa, que, aliás, não quiz receber a honrosa atribuição, que, sabia, era pertença de outros...

...os perfis das figuras da Académica, são uma amálgama de «retrato» e «caricatura», isto para aviso aos incautos...

...dentro em breve serão focadas várias figuras de Espinho, dentro do mesmo aspecto...

## PING-PONG

Continuação da pág. 4

sua maior prosperidade e para que os seus desportistas venham a marcar boa posição elevando bem alto o nome bem tão simpático de Espinho...

Ainda durante a disputa dos referidos Campeonatos de Ténis de Mesa, pudemos arquivar para o nosso jornal a opinião de algumas individualidades mais directamente ligadas com a prova.

As questões tinham necessariamente que ser muito reduzidas e por isso mesmos optamos por:

- 1.ª — Qual a impressão que lhe deixou o recente Campeonato?
- 2.ª — Que impressão leva de Espinho? Surgem em primeiro lugar as impres-

Já vemos que o somatório destes factores todos é apreciável. E representa, pensamos nós, os restantes 80% que influem na nossa opinião sobre um dado espectáculo. Portanto, ao emitir uma opinião porque não procurar atenuar todos os erros de que ele pode vir apenas, dentro da medida do possível? Não será mais justo e mais sério fazer um juízo mais ponderado? Cremos bem que sim.

Portanto, leitor amigo, quando uma pessoa interessada lhe pedir a sua opinião sobre um filme que já tenha visto procure dá-la com honestidade.

Isto, a bem do seu amigo, de si mesmo e do Cinema.

sões do Eng.º João Antas, do S. L. Benfica: Os Campeonatos Nacionais de 1949 (Espinho) foram os mais bem organizados e aqueles que apresentaram equipas melhor apetrechadas.

Para bem da modalidade esperamos que Espinho tenha aproveitado com as exibições e apareça representado nos Nacionais de 1950.

Os melhores jogadores e de forma mais apurada nestes Nacionais foram Ramos, Feio, Galeano, Campos, Fuschini, Júlio Costa, Gago e Peixoto de Lisboa e Carvalho e Azeredo do Porto.

Espinho como estância balnear e hoteleira deixa em nós as melhores recordações e a ela ficamos devendo um obrigado sincero...

Diamantino Dias, presidente da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa, escreveu:

É difícil dar uma opinião que seja considerada insuspeita, pois estive o mais intimamente possível ligado à organização. Considero o êxito destes Campeonatos devido única e exclusivamente à Comissão das Festas do Cinco-centenário de Espinho. Sem a sua boa vontade e interesse não teriam sido possíveis uns Campeonatos como os de 1949.

Todos os louvores são devidos ao grande desportista Joaquim Moreira da Costa Júnior, a alma da organização.

Foi-me imensamente grato verificar que nalgumas regiões da província se progrediu bastante, como grato me é assinalar o comportamento e desportivismo dos concorrentes.

Mário Santos, do S. C. Portugal igualmente acedeu ao nosso pedido afirmando:

Foi bem escolhida a vila de Espinho para a realização dos Campeonatos Nacionais de Ténis de Mesa. Desportivamente foi um êxito, porquanto se revelaram jogadores de verdadeira classe e futuras esperanças da modalidade. Individualmente e por equipas o Benfica revalidou os seus títulos de campeão com merecimento, porquanto se a réplica do Sporting foi valiosa, os jogadores do Porto, de Setúbal e das Caldas deram boa conta de si. Individualmente distinguiram-se Oliveira Ramos, Azeredo e Carvalho, estes dois jogadores do Porto e de reais qualidades. Findas as provas deixamos esta encantadora

## LINO LUZ

### No aniversário da sua morte

A Associação Académica de Espinhodava, então, os primeiros e vacilantes passos, impulsionalda pelas vontades decididas e ardorosa de alguns jovens estudantes desta terra. E, desde logo, um desses estudantes se destacava pelo seu entusiasmo, pelo seu brio, pela sua força de vontade, transmitindo aos seus companheiros tais qualidades de com-



bate afim de que a colectividade por eles fundada pudesse singrar através de um mar proceloso que se divisava claramente!

Sabemos todos bem quem foi esse moço combativo. Assim, «Rumo» não poderia deixar de recordar, neste mês em que passa um aniversário da sua morte, o saudoso e querido Lino Luz, honra e glória da Associação Académica de Espinho, exemplo magnífico de dedicação, de espírito desportivo, de desinteressado sacrifício!

Lino Luz é, sem dúvida, um dos maiores nomes da nossa colectividade! Oxalá que a evocação do seu nome sirva aos novos, aos actuais atletas, e faça com que todos saibam honrar, como ele altivamente honrou, o nome já hoje respeitado e admirado da nossa Académica.

Pobre Lino Luz! Aqui ficam as lágrimas sentidas da nossa modesta homenagem.

vila que tão bem soube corresponder à confiança da Federação de Ténis de Mesa, organizando com competência e incedível zelo os referidos Campeonatos.

Luis Reis, do C. F. «Os Belenenses» afirmou-nos:

Lévamos a melhor impressão de Espinho, onde fomos recebidos de maneira incedível. Apreciamos muito a organização, ainda que a propaganda tenha sido tardia, de modo que o público pudesse decorrer em maior número.

De Espinho, apreciamos sobretudo a sua monumental piscina que a todos nos deixou encantados.

E por último registamos a opinião dum representante do Norte, Manuel de Oliveira, capitão do grupo do Estrela e Vigorosa Sport. Levamos uma impressão esplêndida da maneira como decorreram os Campeonatos, apreciando sobretudo a boa vontade dos organizadores.

Estamos muito satisfeitos com o lugar conquistado e entendemos que o título está muito bem entregue.

Quanto ao recinto onde se disputaram os Campeonatos consideramo-lo dos melhores que temos encontrado.

## MEDITANDO

## Pequenas pedras para grandes obras

Exemplificai com aquilo que a vossa alma tem de mais precioso, com aquilo que há em vós de melhor em bondade e respeito para com os outros ainda que desconhecidos, com aquilo que aos olhos dos outros melhor vos fica e que a todos causa agrado.

Exemplificai com aqueles gestos de amizade oferecida, amizade para com quem nos é estranho, mas a quem por um dever de semelhança guardamos respeito e por um sentimento de amor gratuito e benéfico dedicamos bondade.

Todos topamos a cada passo com gente que, como nós subindo a íngreme ladeira da vida, apreciaria, por vezes, sentir uma ajuda desinteressada de alguém que lhe revelasse a existência do amor e respeito alheios como reflexo do amor de Deus.

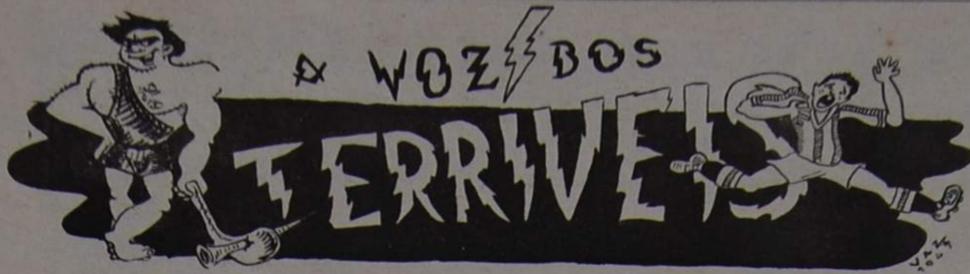
Os simples gestos com que demonstramos espírito de entreajuda, sem outro interesse que o de servir por dever moral, são provas evidentes de que Deus nos criou para nos elevarmos até à percepção do seu amor na comunhão espiritual do bem.

Se ao encontrarmos uma velhinha que caminha custosamente, lhe dermos a mão para a ajudarmos a atravessar com o coração mais tranquilo, a rua em que vertiginosamente se cruzam veículos de toda a espécie, praticamos a bondade com gratuito amor ao semelhante. No coração dessa velhinha, houve um suave bater de grato reconhecimento e no seu espírito perdura como suavíssima recordação a lembrança daquele que sendo estranho lhe fez tão bem.

Se ao vermos uma criancinha que caiu, a socorrermos prontamente a impedir que aumente o caudal de lágrimas e lhe fizermos alguns afagos, enquanto que ela começará a sentir bem cedo, que, neste mundo que Deus criou, há sempre alguém para nos proteger, seus pais ou aqueles que vieram a cuidá-la, terão para conosco um sentimento de agradecimento fixar-nos-ão como pessoa de bem.

Se vírmos um moço ou uma moça que teve qualquer arrelia, daquelas que tantas vezes perturbam a agradável marcha da nossa vida, e lhe prestarmos algum apoio moral, reconfortando, aconselhando, auxiliando até, procurando sempre evidenciar o respeito e a bondade qualquer que tenha sido o seu mal ou desgosto, a seus olhos, por mais pessimistas que sejam, por aquela nêgazinha de bondade, o mundo, aparecerá ainda, como criado por Deus para nossa felicidade espiritual.

Todos os nossos gestos de bondade e respeito, além de úteis, se repercutem sempre como lembranças agradáveis, ainda que simples, no espírito daqueles que momentaneamente usufruam um pouquinho do bem de que o nosso coração é inesgotável.



## Defesa de "Il" Jornalista

*Brando, muito brando nasce um fio de asneiras.*

*«Il», de brando, apenas, tem as boas maneiras.*

*São tão brandas, brandas... Ninguém dá por elas.*

*Nem correcto porte, nem maneiras belas.*

*São tão brandos, brandos, que se fazem nada*

*Triste fio de asneiras, pêga malcriada...*

*«Il», coitado, fala: é Conselheiro Acácio*

*E é dinheiro falso. Quem o tenha, passe-o!*

*Primeiro, com frases muito bem soantes,*

*Fios enrodilhados, imita gigantes,*

*«Professor Pangloss», «Palma Cavalão»,*

*Toda a dinastia no seu vozeirão,*

*Lérias espantosas e contraditórias,*

*Lirismo e conselhos — afinal: histórias...*

*Vai insinuando, fere e envenena.*

*Não segue o que manda, pois não vale a pena...*

*Se alguém lhe responde, perde as estribeiras:*

*Balbuca, espuma, faz-se um rio de asneiras.*

*Gagueja, esbraceja, smurra o português.*

*Pobre jornalismo como o «Il» te fez!!*

*Pede aos quatro ventos a diplomacia,*

*Correcção, lizura, linha cortezia.*

*Afinal: histórias... chama ao adversário*

*Filho, até, da... outra... dum bode frascário!!*

*Grita: «Meu burroide!». Chama: «O' imbecil!».*

*Se alguém diz que é feio, é um «bambino» vil.*

*Há naqueles termos correcção, lizura...*

*Quem disser que não é uma alma escura!*

*Porque jornalismo só no «Il» de brando,*

*De tão brando porte, que vai proclamando*

*Suas qualidades em finas tiradas,*

*Muito bem cerzidas, muito bem criadas...*

## Um Soneto...

*O' Senhor «Jornalista» esgrimidor*

*Que se julga, decerto, um duelista!*

*A sua habilidade está à vista.*

*Não diga mais asneiras, por favor!*

*Se em prosa os seus escritos são pavor,*

*Em verso não há gente que resista!*

*A gramática e o estilo são conquista*

*Que o «Il», de brando entende sem valor.*

*«As ideias? A lógica? Pra quê?*

*Importa, apenas, deslumbrar quem lê*

*Deslumbrá-lo co' a espada de duelo...».*

*Mas o Senhor nem isso...! Engula a espada!*

*E, no circo, à assistência embasbacada*

*Dará outro espectáculo mais belo.*

O nosso espírito reflete-se sempre no dos outros até nos mais simples gestos, ainda que imperceptivelmente. Quantas atitudes da nossa pessoa são a semelhança de outras que presenciámos em alguém e, ainda que sem querer nem saber, estamos a imitar.

Se medirmos as nossas atitudes pelo pequeno reflexo que podem ter nos outros, veremos o quanto mal temos feito ao mundo sem que disso tenhamos dado nota.

Pelas nossas mais simples atitudes, se revestidas de bondade e respeito, poderemos ajudar a que o mundo melhore consideravelmente fazendo com que se revele bom e respeitoso como o é no coração de cada um de nós. E amanhã poderemos sentir

## Aos leitores

Por força de impedimentos vários nos trabalhos de tipografia, este número saiu com grande atraso.

Seja embora por motivos estranhos à Redacção, sentimos a obrigação de solicitar dos nossos assinantes e leitores, nos relevem a falta involuntária.

A Redacção

aquela felicidade espiritual de comungar no bem do mundo, no amor por tudo quanto Deus criou, inclusivé os homens.

Hernâni Faria

## Cartas de Espinho

Continuado da pág. 5

apresentar-lhe, sequer, um simples cartão de cumprimentos. Ela ficará, decerto, com a impressão de que se encontra em terra primitiva, ou onde todos se julguem, estultamente, verdadeiros Super-Deuses (?)

E, no entanto, a falta existe, sobretudo, por se não achar montada a máquina do Turismo.

Não basta existir in nomine uma Comissão de Turismo. E' necessário, é indispensável que essa Comissão se mostre, atravez de realizações, que seja constituída por pessoas que comecem por saber o que é turismo e saibam dar-lhe expressão, em meu benefício.

Pertencer a uma Comissão de Turismo não pode identificar-se com gozar o cargo, a deixar correr o marfim.

E' fácil, em comércio, com alguma sorte, comprar por dois e vender por vinte, ou aguardar que a clientela nos entre pelas portas, com sucessivas encomendas vantajosas.

Turismo não é comércio e muito menos comércio deste género.

Que se tem feito em meu favor, neste campo? Nada.

Torna-se indispensável constituir uma Comissão, dotá-la das verbas próprias, deixá-la dispendê-las a favor do meu melhoramento.

Será difícil esta tarefa? Creio bem que não se se abandonar o desinteresse que respiro por todos os lados...

## SEM TITULO

e sem ofensa...

Continuado da pág. 2

cento que o Benfica foi infeliz na «pesca» dos ciclistas. Corricaram muito mal. Que reparem nos anzóis que eu uso. Viva o Robalo! Perdão Viva o Rebelo!

**João Gonçalves** — Da volta em bicicleta?

Livra!! Só se fosse em patins! (Que argumento!...)

**Florentino** — A «métrica» da Volta está errada. Aprecio imenso a «redondilha». Da Volta não me fale. O Resto é silêncio.

**A. Gaio** — Acho que a Volta deveria ser como anos atrás, os corredores acompanharam no final de cada etapa. Sou pela Volta Campista!!

**Mário Neves** — A Volta a Portugal? Um fiasco! Em França, aquilo é que é «correr»! E' pena Montmartre ficar um pouco distante. Lá em Fontaineblau...

**Alberto Alves** — Aquilo foi «trafulhice»! O que eles precisavam era um espanador...

**Victor Hugo** — A organização esteve à «altura». A baixesa de alguns componentes da caravana pôs tudo de rastos!!

**M. Serralva** — Isto da Volta é um jogo autêntico. Quem lá vai pode ganhar ou perder. Quer fazer uma aposta em como para o ano ganha o Moreira?

Chibas



Bernardim constitui ainda um problema para os estudiosos da Literatura Portuguesa. Acerca da sua família e da sua vida pouco mais se conhece do que as referências que ele próprio dá no seu «Livro das Saudades», no qual figura sob o mal disfarçado recato de pastor, fazendo alusões várias a factos da sua vida íntima. Diversos escritores se têm dedicado à investigação de tudo quanto possa esclarecer a vida do grande bucólico, e ultimamente o ilustre investigador Sr. Barros Basto, com o mais escrupuloso cuidado, e profunda penetração, parece ter chegado a algo de novo, o que constituirá para uma mudança radical das posições já tomadas pela crítica.

Assim o Sr. Barros Basto, com grande abundância de detalhes históricos, diz-nos no seu trabalho — «A misteriosa personalidade de Bernardim Ribeiro» — ser Bernardim o cristão-novo Isaac Ben Judah Abrabanel. O ilustre investigador, termina o primeiro capítulo do seu trabalho com os seguintes parágrafos:

«Bernardim Ribeiro, o trovador do amor e da saudade, era filho de Judah Abrabanel, o autor dos «Dialogos de Amor» e neto de Isaac Abrabanel, escritor teólogo e financeiro ilustre, homem de confiança de D. Afonso V e dos Reis Católicos de Espanha, para onde se refugiara após a morte do Duque de Viseu.

Judah Abrabanel mandou seu filho para Portugal em fins de Julho ou princípios de Agosto de 1492 com um ano de idade acompanhado duma ama (Viuva de Damião Ribeiro). D. João II tendo conhecimento do caso mandou que se apoderassem da criança. Feito foi isso, tomando conta do menino Sanches Tavares. D. Manuel mandou batizar este rapazito sendo-lhe mudado o seu nome de Isaac Abrabanel em Bernardim Ribeiro. Bernardim teve amores no Alentejo com uma menina Joana, os quais terminou quando se apaixonou por D. Beatriz, filha de El-Rei D. Manuel.

Quando esta infanta se casou com o Duque de Saboia em 1521, Bernardim partiu também para Itália onde ainda conseguiu falar com D. Beatriz que lhe disse terem terminado os entretimentos do paço. Bernardim vai para Nápoles viver com seu pai onde retoma o primitivo nome de Isaac Abrabanel. Ali escreve a *Menina e Moça e Eclogas*. Sá de Miranda vai à Itália e procura convencer Bernardim a voltar para Portugal o que não consegue.

Bernardim casa-se, tem pelo menos, um filho quem deu o

## HISTÓRIA

# Isaac Ben-Judah Abrabanel será o autor da *Menina e Moça*?

Por AMILCAR PAULO

nome de seu pai Judah. Ainda hoje existem descendentes, por linha varonil, de Isaac filho de Judah Abrabanel, o autor dos *Dialogos de Amor*, que em Portugal como cristão-novo usava o nome de Bernardim Ribeiro».

Vejam os pois, quem era esse filho de Judah Abrabanel, que segundo a asserção do Sr. Barros Basto é o nosso bucólico Bernardim Ribeiro.

Leão Hebreu, ou seja Judah Abrabanel era filho de Isaac Abrabanel, de quem o Sr. Prof. Joaquim de Carvalho, no seu opúsculo «Uma epístola de Isaac Abrabanel», escreve — «Isaac Abrabanel, o mais notável dos judeus nados creados em Portugal no século XV não encon-

trou ainda um biógrafo lusitano; e no entanto esta biografia, para além da visão da personalidade e do exame da sua influência, exprimiria como nenhuma outra a interferência dos judeus na vida pública portuguesa quatrocentista e a repercussão da cultura ocidental na mentalidade tradicionalista do Talmud Torah, senão verdadeira *yeshibah lisbo-nense*.

E' que Isaac Abrabanel, ao contrário da generalidade dos seus correligionários, não viveu apenas no âmbito das relações obscuras e dos pequenos interesses dos mesteiros e tendeiros da *judiaria* de Lisboa. Exercendo o alto comércio, opulento presta-

Continua na pág. 11

## Apontamentos filosóficos

# Meditações de FREDERICO VENCIDO

Por GOULART NOGUEIRA

Paga-se muito caro qualquer dom. Tudo o que os deuses concedem envenenam-no. A divindade mata a humanidade. Os que vêm do fundo e o alto nem alcançam o próximo que os completaria. Para chegar ao castelo e quebrar o encanto é preciso respeitar o proibido. O caminho sobre o mar não dá formas que satisfaçam. O oceano envia-nos o odor salgado — e o sal faz sede. Se os deuses concedem o génio, acrescentam a dor — para que os génios não sejam deuses. A dor é a humanidade no mundo. Os homens às vezes são profetas. O menino que falou na barriga da mãe — adivinha; mas, se a mãe disse que ele falou, o menino fica tolo. Se o plano que adivinhamos, o dissermos — o plano fica gorado. Nunca digamos a verdade: revelemos-la, transmitamo-la pelo sentimento. Os que mais sentem mais vêm. Um sentido atrofiado aumenta a potência de outro. A potência de um diminui a dos restantes. Os que vêm mais, nos outros sentidos são lesados. Quem mais vê é à custa do resto.

Só os seres criam o espaço. Ou, melhor, só com os seres exis-

tiu o espaço. O Ser é espírito; a matéria é ser separado. Ora só existe espaço na matéria, no ser separado. Eu não posso conceber a existência de espaço onde faça tudo coincidir tão perfeitamente que nada esteja de fora. Pensemos: se eu pegar num pedaço de ferro e fizer coincidir as duas metades dele, se eu as fizer coincidir perfeitamente, isto é de todos os lados e em todas as direcções, elas não formam apenas duas metades sobrepostas, mas sim duas metades coincidentes, isto é, uma só metade. Se eu continuar este processo, chegarei a já não ter mais matéria, se não um ponto. Mas o ponto é uma abstracção e não uma realidade material. Que ponto, pois, será esse onde a matéria está perfeitamente coincidente? Ali, algo já se não distancia de outro algo: não há distância alguma, porque existe coincidência perfeita. Logo, ali não há espaço. Mas se aquilo está reduzido a um ponto e um ponto não existe como realidade material, chegamos a algo que não é matéria. Logo, onde existe união perfeita e onde não há matéria, não há espaço. O espaço só existe no ser separado.

Notas Críticas

## Romance de ILSE LOSA «O MUNDO QUE VIVI»

Por EGITO GONÇALVES

Ao ler este livro, logo nas primeiras páginas, o leitor adquire a certeza de estar perante uma auto-biografia. Na verdade, não é possível inventar uma tamanha soma de pormenores. E' preciso tê-los vivido. Pode haver invenção ou recriação aqui e além. O pormenor é autêntico. E, neste livro, o pormenor é que conta, é o todo, é o próprio livro. Nada mais há nele.

De facto, não há em «O Mundo que vivi» uma história romântica, nem doutra espécie. O próprio título não é correcto, pois sugere que as páginas do romance nos darão um mundo, em que, por acaso, a autora viveu. Ora não é assim. Há, é a vida da autora apenas, auto-retratada — aliás magistralmente — com uma laboriosa soma de pormenores da sua vida íntima, em que, por acaso, aflora aqui e ali o Mundo em que viveu. Os ambientes e os personagens deste curioso livro esfumam-se perante a figura biografada. E esta é fragmentária, é construída com retalhos de recordações, com pequenas pinceladas suaves que vão fazendo nascer a figura central e, ao mesmo tempo, o interesse pelo livro. E a figura fica completa.

Porque este romance, embora monótono pela maneira como é composto, prende o leitor. Há um interesse constante disseminado pelas páginas do volume. Não é o interesse de chegar ao fim, porque a história podia parar em qualquer ponto. Maior triunfo para a autora, pois que não sendo pela história que o leitor se prende, já que, como disse, na realidade não há história pelo menos com continuidade, com peripécias enquadradas de modo a conduzir a um determinado fim — só pode o leitor prender-se pela beleza formal das suas páginas e pela espantosa faculdade de observar que se lhe nota.

Ilse Losa, nascida na Alemanha, refugiada em Portugal no princípio da sangrenta aventura do III Reich, escreve o português com fluência. E observa, observa! E conta o que viu, observando-se a si própria e arrancando às suas recordações, mesmo as mais longínquas da infância, bocadinhos de vida, alguns primorosamente descritos.

Como nota exterior, como moldura o livro foca o problema judaico na Alemanha desse tempo. Mas ainda aqui, tudo é coado através da repercussão que esse problema teve na sensibilidade da autora directamente interessada nele. E só no fim, quando o problema atinge a sua acuidade máxima, há então uma história que não é a da autora mas de todos os judeus e aparece uma personagem, o oficial da Gestapo, que fala e vive como se não fosse propriamente a recordação da autora, mas que age perante nós, na primeira pessoa.

# O PRETENSO ESCANDALO

do "Non Sum Dignus"

Continuado da pág. 12

Tiquico, Epafras, Timóteo, uns maltratados, outros lapidados, alguns martirizados.

Nos *Actos dos Apóstolos*, colheu Gabriel citações e alusões a estes «irmãos e a esses convertidos muito amados».

Deparam-se-lhe vários santos, propositadamente ficados diáconos, que muito trabalharam apostolaram, sofreram. Passaram-lhe diante dos olhos teorias desses diáconos — alpercatas esburacadas, atilhos partidos, túnicas rotas, mantos em frangalhos, cabeças ao léu, soltos cabelos ao vento, faces pálidas, escaveiradas, mas as pupilas rebrilhantes de Céu, mãos só ossos, brancas, diáfanas, garras de amor a Jesus, a apertarem ao peito as queridas palmas verdes e gloriosas, simbólico prémio do seu martírio Terreno. Era Santo Estevão, S. Lourenço, S. Vicente, S. Gregório, S. Prudêncio; e todos estes primitivos tinham sido, em nome de Jesus, litúrgicamente ungidos pela apostólica imposição das mãos.

A alma de Gabriel, na invocação milenária, insuflava-se dos prestígios dos idos tempos de ouro asceta em que tão próxima, tão intensa foi a vida do homem com Deus — enlevada prática de edificação Suprema».

E, para rematar, as missas novas:

«Missa Nova, Missa Nova!

Nada daquele farfalhado culto externo, tantas vezes cenográfico em demasia, e, algumas, infelizmente, quase vazio da essencial

interioridade do Mistério Maravilhoso!

Nada deste pantagruélico banquete, desta estúrdia pagã, desse regabofe seminarístico — de todas essas bambochatas!

Esta outra, dita num cantinho de Portugal escuso, lá ao Norte, entre serranias, em pequenina igreja romântica, velhinha, pobrinha, de pedras cor de estameinha, carcomidas, e desconjuntadas, qual «Porciuncula» (onde S. Francisco, «Trovador de Deus», noivou com a Pobreza); — esta outra, perante um povinho manso, cândidamente religioso, foi a mais simples, a mais humilde, a mais interior, a mais pura, a mais espiritual, a mais divina de semelhantes *Missas Novas!* Assim haveria sido, outrora, regado, vivido, o Santíssimo Sacrifício por cristãos primitivos — tão perseguidos! — nos primeiros séculos da Igreja, a ocultas, subterrâneo, entre túmulos de mártires, na rúcia luz, na enclausurada piedade, na devoção recôndita, em murmuro ambiente, a cheirar a cera Virgem e a bento incenso, nas catacumbas romanas de S. Calixto e de Santa Inês — modestíssimos e maravilhosíssimos Pontificais de Jesus e Te-Deus do Amor!»

Desta sorte, o Auctor dá por findo o seu Livro e eu por terminadas as citações, que valem mais do que todas as minhas palavras.

Fica assim demonstrado que A. de F. realiza o segundo ponto, ou seja o da Beleza Literária.

## Nadir corifeu do imprevisível

Continuado da pág. 12

embora com matérias vivas e mecanismo...

Não — nem fazedor de monstros nem pintor abstrato; mas sim organizador «surrealist» de embriões desabrochados dominado por um sensualismo desesperado, brutal — certamente a característica mais relevante da sua pintura.

Técnicamente, muito bom pintor — à parte, já se vê, os 10 ou 11 desenhos coloridos de Paris a que acho muito pouco interesse; todo o resto, tanto óleos grandes como trabalhos pequenos a giz misturado com aguarela, são realmente duma boa qualidade como «matéria».

Se me é permitido discorrer um pouco e localizar, individualizando alguns trabalhos — escolheria o N.º 4 (*Metamorfose Artificial*) Composição 15.ª-1948 que se me afigura um dos mais típicos.

Sobre um fundo escuro de fábrica brumosa cheia de gazes e óleos negros, destacam-se dois corpos verdes, lévidos, certamente decompostos, um deles (o da direita) emparedado, encolhido, formando um aglomerado rugoso, ressaltando o esqueleto — o outro (o da esquerda) um corpo roliço sem dúvida de

mulher, no topo sofrendo uma operação mecânica donde salta sangue ainda vivo que depois é recebido num tubo de metal (aos pés da figura desenha-se um tecido esquematizado sobre uma placa negra).

Não puz ainda a hipótese duma crítica amarga precisamente à orientação que a vida vai levando — e se Alexis Carrel diz que o automóvel e o cinema estão criando um tipo humano verdadeiramente grotesco e inferior, é bem compreensível que o avanço da maquinaria (que Nadir anuncia) e a sua intromissão nos caminhos da vida transformem absolutamente os tipos considerados belos por ele próprio...

Sim, e nem vale a pena falar de Beleza, porque este problema perante as obras de Nadir viria a ser intrincadíssimo.

«O mundo vai-se tornando um horror...» é, sem dúvida, uma afirmação incontestável destas obras — e temos que concordar, fugindo a todos os pessimismos, que urge fazer o que Nadir fez, isto é, preveni-lo da vizinhança do precipício...

Uxley caricaturou; há quem mostre as consequências trágicas — não importa se consciente ou in-

Que eu hei-de cantar o maravilhoso brilho deste sol de Maio  
[que entontece,  
a tristura que um dia de Novembro põe em nós,  
a alegria frenética duma cabecinha loira e ôca a que nunca foi dito  
[um não a contrariá-la,  
a hipocondria dum visionário que teima resolver os «seus» pro-  
[blemas românticamente.

Que eu hei-de cantar tudo isto em frases estudadas e sem alarmar  
[a tradição  
e poderei querer que me chamem poeta!

Inútil! Inútil a tentativa de me convencer,  
como inúteis são os argumentos a fazer-me crêr  
a inutilidade da poesia.

E eu não sei que utilidade e ensinamento o Mundo tire,  
conhecendo os episódios da vida duma cabecinha loira e ôca  
— sem querer saber das cabeças sem número e sem côr mas  
[cheias de problemas a resolver,  
olhando o sol e embevecer-se tanto  
que esqueça as sombras imensas que pairam sobre a Terra;  
não sei nem posso compreender  
que lucro eu e quem me leia  
perdendo-me em lugares comuns de fantasia,  
em trocadilhos de palavras e rendilhados de frases feitas.

Poeta ou não, só sei cantar a verdade toda,  
e não me importa que a voz me saia rouca  
se disser tanto quanto sei sentir  
e que saibam os guardiões da pura estética,  
que eu não abafo o canto nem a consciência  
e se cantar o brilho dum sol de Maio qualquer,  
não poderei esquecer o fôsko de tantas e tantas vidas  
que a êle não se podem aquecer,  
e cantem outros o nevoeiro dos dias de Novembro  
que eu falarei de vidas enevoadas,  
e cantem outros cabeças loiras e calmas  
que eu falarei de cabeças doidas e escaldantes,  
e cantem outros os visionários teimosamente românticos  
que eu falarei do homem rude e simples  
que caminha a passo firme e sem ter medo  
pela calada da noite.

Poeta ou não só sei cantar a verdade toda!

José Filinto

conscientemente movido por um (ainda que brumoso e inconfessado) instinto de grande piedade...

Pois estas pinturas de Nadir, estas revelações feitas por Nadir, têm, outras vezes, sobre um fundo aglomerado de máquinas, um acorde vibrante de côr, tantas vezes semelhante dando o sinistro sinal da velocidade, do progredir catastrófico da inconsciente máquina agindo...

«Chegamos ao descontrolo completo?, ao completo fluir sem sentido (indeterminado pelo eclipse total da razão)?» — eis uma pergunta que Nadir muito bem formula.

Há também, ao fundo da sala, junto ao janelão, uma reminiscência de pó rosado e azul morno (Boémia N.º 23), talvez uma saudade de Cícero Dias, talvez uma felicidade primitiva (*sol, praias extensas...*)

Para além dos giz 21, 13, 15, 11, aguarelados, confusos (alguns deles, sobretudo o 11, 21 e o 13 tão igualmente bem conseguidos, seriamente realizados), resta-me terminar falando dos 2 óleos 8.º: — composição 26.ª-1949, e aquele outro bicho verde esventrado com

o complicado conteúdo (o seu corpo mole e gorduroso) espalhado num gritante conjunto de contrastes.

Quanto à composição 26.ª, louvarei o autor, pelos seus conseguidos técnicos primeiro, pelo interesse temático depois. Não resta dúvida de que se trata dum grupo de embriões germinando e soltando um prolongamento branco, sobre um corpo material de forma ovóide, com um pé à maneira de cogumelo. Os núcleos dos embriões amarelos são feitos por empaste e com raspagens, o que lhes dá um tósko aspecto, o corpo ovóide em que assentam é feito por processo emoliente e demorado.

Sobre o extremo direito, em baixo, uma como que queixada arrancada viva, há pouco, com seus vasos sanguíneos, cartilagens e um esfrangalhado granuloso, «à craquelé», maravilhosamente conseguido.

Com a sua personalidade «farouche», seu poder duro, cortante e sensual de anotar, certamente é Nadir, só pela amostra desta exposição, um dos nossos mais generosos, originais e fortes temperamentos de Pintor.

# SOLBERIS

...é um store



## Agrupamento Comercial e Industrial, L.ºa

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM  
ESPELHAÇÃO  
FOSCAGEM  
Gravura artística  
em vidro



CRISTAL EM CHAPA

Vidro impresso em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

## DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Merceria —

Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

### Merceria Porto **ESPINHO**

Plaçadores, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 10

### SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 — ESPINHO

Armazenistas de MERCERIA \* AÇÚCARES \* CEREAIS \* ETC.

## Cadinha & Couto

RUA DEZOITO • TELEFONE 52 • ESPINHO

### CASA SOUSA PAPELARIA E LIVRARIA

— J. Moreira de Sousa Júnior —

Telefone, 99

Rua 19 N.º 215 — ESPINHO

Carteiras, Porta-moedas, Pastas, Produtos de perfumaria — La T-ja — Joias, Novidades

### CARPINTARIAS

Limpos para todos os tipos de construções, armações para estabelecimentos e tacos para paiqué, etc.

### MARCENARIAS

Mobiliário em todos os estilos em madeiras nacionais e estrangeiras, etc. - Melhores preços - Novas instalações

## Fábrica Moderna de Carpintaria e Marcenaria

DE

**José Augusto da Silva Quintas**

TELEFONE N.º 59

APARTADO 48

RUAS 18 E 39

**ESPINHO**

## PADARIA PROGRESSO

DE

**Manuel Maria Valente**

**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS**

Fabrico esmerado de todas as qualidades de pão

Telefone 6 - (PARAMOS)

**SILVALDE**

### PADARIA MECANICA

## A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da «Padaria Pérola»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO

### FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS — VENDAS POR JUNTO —

**Baptista & Oliveiras**

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Milaneza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª  
Fábrica Portuguesa de Fermentos Hollandeses, L.ª  
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telefones: 21  
gramas: FARINHAS  
APARTADO, 5

Rua 62-ESPINHO

### PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— **ESMERO E ASSEIO** —

Rua 14, 833 ESPINHO

Execução rápida e perfeita em todos os trabalhos tipográficos • TRICROMIAS

## TIPOGRAFIA PROGRESSO

RUAS 11 E 20 • ESPINHO

# Isaac Ben-Judah Abrabanel

## será o autor da *Menina e Moça?*

Continuado da pág. 8

mista do Estado, Conselheiro de D. Afonso V, amigo e privado da mais alta nobreza de Portugal, gosando de privilégios, que eram excepções às leis restrictivas dos judeus, como o viver na cidade fora do ghetto (bairro judaico), e não trazer no vestuário a degradante estrela, doutrinando na Sinagoga, compreende-se que fosse o patrono e o traço de união de Israel com o Estado...».

Noutro passo diz o illustre professor «Vários documentos coevos testemunham insofismavelmente as excellentes relações de Isaac Abrabanel com o poderoso Duque de Bragança, D. Fernando, e sua família. Por elas sem dúvida, se achou envolvido nas conspirações contra D. João II causa directa da fuga para Castela, em Junho de 1483, e da sua condenação, à revelia, em 30 de Maio de 1485».

\*

Pelo que acima deixamos transcrito Isaac Abrabanel procurou refúgio em Espanha após o assassinato do Duque de Viseu, bem como seu filho, o médico Judah Abrabanel.

Em 1492, nove anos depois, os reis católicos de Espanha promulgam um édito ordenando aos judeus que abandonassem dentro de quatro meses o território espanhol. Nesse mesmo ano, Judah (Leão Hebreu) envia occultamente, para Portugal, um filho de nome Isaac com um ano de idade, acompanhado duma ama.

*Noutro tempo uma partida,  
que eu não quizera fazer  
me magoaram minha vida  
quando eu nela viver.*

«Cancioneiro Geral V-272-3»

Dirá mais tarde Bernardim Ribeiro referindo-se provavelmente a esta separação.

Tendo, D. João II, tido conhecimento da chegada a Portugal, do pequeno Isaac, mandou que se apoderassem da creança. A ordem do soberano foi cumprida, tomando conta do menino uma mulher ao que parece do Alentejo. D. Manuel I, em 1497 manda batisar este rapazinho, que tinha à altura 6 anos, tendo tomado um nome diferente do de Isaac e substituído também o apelido de Abrabanel. Qual fosse esse nome de cristão-novo as fontes que consultamos nada dizem.

\*

Confronte-se este episódio da vida do pequeno Isaac, com o descrito por Teófilo Braga no seu estudo «Bernardim Ribeiro e o Bucolismo», geralmente aceite por todos os estudiosos que pretendem esvaír a lenda nebulosa diante da nitidez dos factos, onde escreve:—«Deu-se a descoberta da conspiração do Duque de Viseu contra D. João II; o rei apunhalando-o por sua própria mão, mandou logo cercar a vila para agarrar os fidalgos conjurados. Poucos conseguiram escapar-se, e muitos desses fidalgos

já em Espanha ou em França não se acharam seguros, porque D. João II lá os mandava apunhalar. O antigo empregado da casa do Infante D. Fernando, que se achava administrando a casa do Duque de Viseu, nessa terrível noite conseguiu sair de Setubal chegar à vila Torrão, onde residia com sua família, e proceder pronta e imediatamente à fuga, tratando de por a salvo sua mulher D. Joana Dias Zagalo, irmã dos Zagalos de Extremoz, de Alcaer do Sal e de Cintra, levando duas creanças, uma menina de baixa idade e Bernardim com dois anos apenas».

Continuamos a seguir a vida de Isaac Judah Ben-Abrabanel. Em 1541, aparece em Veneza, uma edição dos *Diálogos de Amor*, impressa, *in casa de figlávoli de Aldo*, lendo-se no frontispício:

Dialogi di amore composti por leone médico, de nationi hebreo, e dipoi christiano.

Todavia, Leão Hebreu (Judah Abrabanel) autor dos *Diálogos de Amor*, nunca foi convertido ao cristianismo. Deve tratar-se de qualquer confusão com seu filho Isaac Ben Judah Abrabanel, que decerto já se encontrava na Itália nessa data.

Em 1559, estando em Salónica, o Doutor Amatus Lusitano, viu em casa de Judah Abrabanel, neto de Leão Hebreu (Judah Abrabanel) um manuscrito com o título de «Coeli Harmonia», escrito por Leão Hebreu a pedido de Pico Mirandola. Como Leão Hebreu não tinha mais filhos, além do que estava em Portugal, leva-nos a crer que Isaac Ben-Judah Abrabanel, saíra de Portugal, casara e tivera filhos e já não era vivo em 1559.

Quando se teria ausentado de Portugal? Vamos ver se podemos indicar uma data.

No ano de 1506, a 19 de Abril, há em Lisboa uma matança de cristãos-novos, que findou pela enérgica intervenção das forças reais. D. Manuel, após tão trágico acontecimento, autorizou que muitos cristãos-novos se ausentassem do país. Teria Isaac, então com 15 anos, saído de Portugal nessa data?

Não nos parece que assim sucedesse pois que em 1509, morre em Veneza seu Avô Isaac Abrabanel, tendo a seu lado os filhos, e nenhum cronista judeu menciona o seu neto Isaac Judah Ben-Abrabanel, a assistir aos últimos momentos de seu avô. Achamos pois presumível que Isaac estava ainda em Portugal. Mas porque preferira ele a insegurança e o perigo que representava a estadia para um judeu em Portugal, a um exílio cómodo junto da família?

D. Manuel era irmão do Duque de Viseu, chefe da conspiração em, como já vimos, se acharam envolvidos os Abraba-

# Evolução e Crise da

## POESIA

Por TABORDA DE VASCONCELOS

As manifestações artísticas só podem, de facto, subsistir e prevalecer, mantendo-se em nível à parte do conjunto vulgar, quando, na verdade, afirmam qualquer coisa de novo, quando trazem em si a razão natural que lhes deu a vida e as confirma como realidades absolutas. A Arte só se compreende na medida em que retrata, com fidelidade, o fim a que se dirige. Na medida em que oferece um mais amplo sentido estético. Na medida em que consciencializa cada homem das mais profundas necessidades dos outros homens.

Arte viva é essa, porque tenta aproximar-se da realidade do próprio individuo. Arte viva — e, portanto, com um fim humano.

Ora, se do Romance à Poesia a Arte procura, actualmente, atingir esse poder de transmissão que nos consciencialize de tais realidades, isso nos permite uma observação do meio ambiente, quer em conjunto, quer em pormenor, o mais exacta possível.

E' certo que a Poesia (ela, talvez, mais que qualquer outro género literário) nem sempre tem afirmado um rumo seguro, uma estabilidade firme no conjunto da sua produção — até o que pode atribuir-se a estar ela o mais de acôrdo possível com todos os períodos da vida social moderna e, portanto, sujeita à sua trajectória tão pouco uniforme. Mas tem, a-pesar disso, certos momentos de íntima consciência estética, de alto poder de realização, de verdadeiro sentido humano.

Não podemos negar mesmo que o nosso século tem sido um dos mais fecundos da poesia portuguesa.

Um século que deu um Fer-

nando Pessoa, um Mário de Sá Carneiro, um Régio ou um Miguel Torga não pode, bem contra o que a experiência parece demonstrar, ser um século de crise. Sem dúvida, o caso de Sá Carneiro e Pessoa é já, por si, suficiente, por demais notável, para definir uma época na história da literatura. Caso singular, não só pela densidade e envergadura das obras que aí deixaram, como até — e o que, de certa maneira, é mais para frisar — pela capacidade de renovação que o movimento do Orfeu atingiu e realizou.

Foi, no entanto, a Presença que deu, por assim dizer, continuidade e forma à expressão do subjectivismo que o Orfeu havia descoberto. Até onde cumpriu tal desígnio, se é que, por quaisquer motivos, o não fez em absoluto, é um ponto de algum modo estranho à questão.

O certo é, porém, que os movimentos das massas são, em geral, se não sempre, em maior profundidade, de maior repercussão e de mais sérias consequências, que os casos esporádicos surgidos da própria trajectória evolutiva das gerações.

E depois da Presença não houve, realmente, qualquer outra afirmação doutrinária e colectiva de puro subjectivismo na expressão da Arte. Pelo contrário: o que se observa é uma reacção que, pouco esclarecida quanto ao sentido da objectividade com que procura combater o *presencismo*, só difficilmente poderá definir com segurança (se, acaso, ainda vier a fazê-lo) a expressão máxima dos seus valores mentais. Daí a crise de vitalidade e de

Continua na pág. 12

neis, e por tal, forçados a emigrar. Com a sua subida ao trono, são bem recebidos os emigrados políticos no seu regresso a Portugal e natural era que se interessasse pelo pequeno Isaac Judah-Ben Abrabanel, a quem fez batisar e sob nome cristão o amparasse e vigiasse, trazendo-o na corte.

Em 1521, morre D. Manuel e antes desta data, rada há que nos faça supor que Isaac estivesse na Itália. Morto D. Manuel sucedeu-lhe no trono D. João III, que logo no início do seu reinado fazia prever uma péssima situação para os cristãos novos. Achamos pois, que Isaac Ben-Judah Abrabanel, saíu de Portugal para Itália após o falecimento de D. Manuel.

Quando do casamento da Infanta D. Beatriz, filha de El-Rei D. Manuel, com o Duque de Saboia em 1521, Bernardim partiu também para Itália. Creemos, que todas estas coincidências difficilmente podem ser atribuídas ao acaso.

Por tudo o que deixamos exposto, e — porque é ainda muito pouco conhecida a verdadeira personalidade de Bernardim Ribeiro — é fácil avaliar a extraordinária importância do trabalho do Sr. Barros Basto.

Até mesmo na novela de Bernardim Ribeiro, nada há que contrarie a hipótese do Sr. Barros Basto, pois nela não existe qualquer alusão a ritos cristãos, nem sequer a simples invocação de Cristo ou da Virgem, constantemente na boca dos nossos quinhentistas.

Seria pois este Isaac Ben-Judah Abrabanel, o nosso grande bucólico Bernardim Ribeiro?

Não ousamos responder.

Fica posto um problema, já por outros levantado, que nos parece ser digno de atenção dos historiadores da nossa literatura e que, a resolver-se pela afirmativa, é um inesperado dado biográfico do autor da *Menina e Moça*.

Seja o primeiro este trecho de pág. 33 «Nascido à beira-mar, em planície invadida pelo Vouga a esramar-se num estuário de veios de água doce e azul celeste orlados de sol incidente, terra chã de horizontes longínquos diluídos na névoa e no vago das coisas muito distantes;—este homem beirão, de alma educada e instruída na aula franca da planura, era um autoctone lusitano. Seus antepassados foram, uns, pesca-

## CRÍTICA LITERÁRIA

tal era o seu modo de ser na conquista de ânimos desde os mais apáticos aos mais rebeldes.»

Mais uma passagem transcrita de págs. 135, 136: «Chegaram as férias grandes de Agosto e Setembro.

O diácono Gabriel abalou do Seminário, estreito e sombrio, para a sua querida aldeia natal,

## O PRETENSO ESCÂNDALO

dores de pele tisonada pelas solheiras marítimas, iodadas e bromadas, e pelo rasteiro ar quente dos canais; outros, navegantes, mares em fora, ânimo jogado à aventura. Daqueles herdara a robustez do corpo; destes, a alma livre e transportada; mas havia ainda no sangue aventureiro dos marítimos o sangue cismador das gentes descidas dos pendores da Estrela e do Caramulo. Desta maneira, as raízes do espírito penetravam no mundo incógnito das sugestões do mar alto—arena verde; das do Céu infinito—redoma de translúcido azul-cobalto. Os horizontes acenam às almas; as Alturas pregam Verdades Eternas. Nos ramos viridentes deste ser humano fez-se a enxertia da melhor casta da Proibidade austera e da bondade meiga. Energia servida com ternura, afabilidade espriada e sorridente

de ar lavado, de muitas casas brancas, agrupadas, em pinhoca, à volta de uma igreja caiada, com sua torrezinha, seu campanário, seus sinos de bronze recortados no azul do céu, seu galo cata-vento,—igreja posta em colina fronteira a larga e longa e franca e leal planície a perder de vista! Muitos verdes diferentes bem toados uns nos outros: os verdes frescos dos arrozais em tabuleiros de água parada e espelhadiça; os verdes quentes da bajunça; os verdes mestos dos salgueiros;—dilatadíssima chã riscada de serpentinos canais cor do celeste azul que neles se reflecte, entre moitas de amieiros, águas vidradas onde se espalmam nenúfares que o Sol esmalta—oiro, prata, cobre, aço—e transforma em folhas de begónias de coloridos metálicos, nesse enramado esteiro do Baixo-Vouga, a estender seus

por Carlos de Almada e Menezes

braços de água doce que a maré salga, na luz que os diluí nos longes, até o pano de fundo da mancha brônze das matas de S. Jacinto e da Torreira, e, ainda para além, lá no limite do horizonte desta planura oceânica—aliciante chamamento de almas aventureiras enamoradas da poesia do ignoto...

Vastidão! Quietação!

Mansidão!

Mundo do silêncio persuasivo. Mundo da Paz extra-humana nascida da Serenidade, da Beleza, em que os corações dos seres se beijam e se felicitam em mútuos querer abençoado. Então, sob a abóbada Infinita do Infinito céu azul, as almas crentes e as, até ali, não crentes, em seu sentimento e pensamento, afirmam Deus e o visionam, nesta extensíssima agra, plena de beatífica

doar-me-eis que vos transcreva mais estes períodos:

«Insistindo, tenazmente, naquêle veio de estudos, Gabriel lança-se na história do diaconato. Dentro da primitiva Igreja, percorre a história do diaconato, talvez, de ponta a ponta, nas cartas Epístolas de S. Paulo—todo o Evangelho em sua essencial doutrina e acção viva—referências ao caso, particular, que lhe interessa. Na Epístola aos Coríntios, aos Efésios, aos Colocenses, aos Tessalonicenses; na a Timóteo, a Filémon, aos Hebreus, encontrara muitas informações a respeito destes «Ministros de Cristo», unidos por quem de Jesus havia recebido o Dom da imposição das mãos—os diáconos.

Afogueados de fé portentosa, irradiantes de Esperança, ensinados pela Divina Sabedoria do Amor, ouvida pelos apóstolos da própria bôca de Jesus, lá abalavam, com uma só túnica, um só

## DO "NON SUM DIGNUS"

Quietude, melhor que planície de aterragem de corpos, campina levitante de almas—palma da mão do Senhor, da qual os espíritos gratos se erguem às alturas divinas prestando glória ao Omnipotente!»

Tende paciência queridos leitores meus de boa vontade, mas o livro é todo tão belo, tão lindo, que para vo-lo demonstrar per-

manto, um só par de sandálias, escarcela vazia, simples bordão, por cidades, vilas e aldeias, a calcorrear más estradas, péssimos caminhos de monte, na missão santa de espalhar pelo Mundo fora a «Boa-Nova».

Nessas Epístolas citavam-se, com louvor cândido, os nomes dos primeiros diáconos: Apolo,

Continua na pág. 9

## ARTES PLÁSTICAS

## Nadir corifeu do imprevisível

por Artur da Fonseca

Imprevisível—é bem talvez, sem ponta de lisonja, o adjectivo que se coaduna com esta exposição (a 1.ª individual me parece) de Nadir Afonso.

Através desse choque que o novo em nós acorda, a saudade do que nunca vimos e certamente morreremos sem ver é esse gosto pela sensação desconexa de se julgar num país estranho, súbitamente aí introduzido tam facilmente como quem abre uma janela.

Mixto de situação imprevisível de romance policial agitado, e de passo dado em falso pelo descuidado transeunte, não vendo o buraco profundo e aberto no meio da rua.

Vem de Paris este Pintor, vem de conhecer aqueles que, pouco a pouco, se classificaram de «génios» (e sem cerimónias nenhuma), um tanto desiludido pelos seus egocentrismos, pessimismos, melancólicas propagandas à base de viver sem ser visto... (onde estão Picasso ou Le Corbusier... personagens lendários?—Um mistério os encobre, inamovíveis pregas de afastamento e misantropia os guardam talvez dentro dum quarto exíguo, mal arejado).

Mais vale certamente viver arrancando da vida alguma felicidade—conclue o autor daquilo que é talvez este mundo esboçado meio-

-máquina, plasma-sanguíneo, tecido descarnado, músculo torturado e disforme...

Mais vale ser feliz!—só me é estranho que quem tem semelhante intuição dos caminhos tenebrosos que a vida vai seguindo, verdadeiro compromisso entre a máquina e a nossa pobre carne sofredora, possa dizer, como um menino triste desiludido dos seus brinquedos com pequena possibilidade de sonho:—Quero ser feliz!...

Que o Deus Ignoto conceda a Nadir uma felicidade grandiosa tallhada ao tamanho da sua alma inquietada, precipitada, por uma irresistível tendência, para os brumosos caminhos do adevir dos plasmas, dos embriões germinantes, de toda uma geometria metálica espartejando os corpos vivos numa medicação monstruosa.

De que males sofrerão todos estes seres embrionários, flácidos, esboçados, derramados como gelatina sobre superfícies quase sempre monocromáticas?...

E' esse mal indefenido, esse talvez erro de sangue, que Nadir com uma fúria verdadeiramente irreverente, obsecante..., procura escangalhar talvez para se organizar depois um mundo fantástico de outras formas que ele próprio por certo nem antevê.

Aquí, vem a propósito a con-

## Evolução e Crise da POESIA

Continuado da pág. 11

auto-domínio que fez da Poesia moderna um complexo de tendências e de caracteres—dado que, por seu lado, com o desmembramento da Presença, era já evidente essa multiplicidade de caminhos que levariam, mais tarde ou mais cedo, a correntes diversas, cujo pessoalismo lhes garantia a independência e a autonomia.

Eis porque, quanto ao neo-realismo, só duas obras aí revelam um progresso nítido ou, pelo menos, um desejo de progredir, de superar o nível anteriormente atingido. São elas «Solicitações e Emboscadas», de Mário Dionísio, e «Mãe Pobre» de Carlos de Oliveira. Esta é mesmo a que toma para nós maior relêvo, visto ajustar-se

fiança cega no caminho que o seu próprio subconsciente lhes traça; e guiado por ele, como um médico louco, escultor entre máquinas e cadáveres ou semi-vivos, por um destino, uma razão mal conhecida, gera toda uma série de crisálidas.

Um fazedor de monstros dirão;—ou, então, que eu vejo mal e o caso de Nadir é apenas o caso de um Pintor abstracto, trabalhando

melhor às nossas características espirituais.

E quanto aos ex-presencistas (se assim os podemos designar) idêntico panorama de crise se observa: uma «Europa», de Casais Monteiro, um «Mas Deus é Grande», de Régio, ou mesmo as «Odes» de Torga—dadas, muito embora, as qualidades virtuais de cada um deles—não atingem a grandeza das obras capitais de Casais, Régio ou Torga.

Facto curioso é, até, o que se nota quanto à produção literária dos mais representativos poetas portugueses modernos. De um modo geral, todos se dedicaram predominantemente à prosa—alguns parecendo já terem enveredado, em definitivo, por tal caminho.

Ora, esta crise poética é mais, em suma, devida a condicionalismos de ordem externa que, realmente, a uma impotência criada original e própria. Daí porque, conquanto se mantenham integras as origens da renovação e desenvolvimento intrínsecos da Poesia, o seu caso de declínio e de crise actual só possa resolver-se em absoluto, por uma libertação humana que a supere e a transcenda, se possível!

Continua na pág. 9